SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

II

ALGUMAS PALAVRAS

A RESPEITO DE

PÚCAROS

DE

PORTUGAL

POR

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COIMBRA, 1921

ALGUMAS PALAVRAS

A RESPEITO DE

PÚCAROS

DE

PORTUGAL

ALGUMAS PALAVRAS

A RESPEITO DE

PÚCAROS

DE

PORTUGAL

POR

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1921

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

O meu Ensaio sobre *Púcaros de Portugal* saiu pela primeira vez em 1905 no Volume sexto do *Bulletin Hispanique* (p. 140-196), revista trimestral que é o órgão das Faculdades de Letras de Bordeus, Toulouse e mais Universidades do Sul da França.

Ideado e realizado em poucas semanas como mero Apêndice de um estudo interessante do ilustre Romanista e Hispanófilo Alfred Morel-Fatio sôbre a moda da *bucarofagia*, que intensamente grassava na Espanha do seculo XVII, não é senão um punhado de notas soltas, relativas a barros antigos e modernos desta abençoada faixa ocidental da península,

mas sobretudo sôbre as mais humildes espécies de vasos de beber água, denominados *púcaros* e *pucarinhos* — de quartilho, meio-quartilho e quarteirão.

Desprezado pelos especialistas que com erudição e amor se ocuparam da Cerâmica Portuguesa, de faianças e porcelanas, o meu Ensaio agradou ainda assim a alguns amadores tanto daquela arte como da etnografia e lingüística nacional, e inspirou mesmo um alegre e espirituoso *Diálogo*, na maneira clássica de Francisco de Moraes: Os *Púcaros*, de Matos Sequeira, na *Atlantida*, Ano IV, n.os 42 e 43, p. 700-707. Desejoso de o possuir, mais de um coleccionador instou comigo reiteradas vezes para que o publicasse em edição independente.

Meu plano era refazê-lo, completá-lo, documentá-lo, juntar-lhe como Primeira Parte a Dissertação que o Professor francês havia publicado em 1896 num Volume-Homenagem a Carl Wahlund (*Mélanges de Philologie Romane*) e principalmente ilustrá-lo com abundantes gravuras como as de que falei no meio do folheto (p. 62-71). Mas como trabalhos muito diversos requeressem sempre a minha atenção, e também porque os *pucareiros* vão quasi desaparecendo de Portugal, de sorte que se torna difícil juntar exemplares caracteristicos, determinei finalmente reeditá-lo, conservando-lhe a forma primitiva e acrescentando apenas algumas minucias

que no longo intervalo respigara aqui e acolá, impelida e auxiliada generosamente pelo malogrado director da Imprensa da Universidade, o Ex.mo Sr. Dr. J. M. Teixeira de Carvalho.

De amostra da ilustração planeada, que finalmente me resolvi a juntar ao texto, serve como cabeçalho desta Explicação, um grupo de vasilhame prehistórico, e outro de vasilhame grego, como colofon. Dois quadros do grande mestre Diego Velasquez e uma selecção de vasos de beber água fria, companheiros de uma bilha, um asado, um pote, uma cantara, e tres brinquinhos de Vila Real, apenas dão ideia do que se poderia ter feito!

Pôrto, Junho, 1921.

C. M. DE V.

Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal

ORNANDO muito provável a tese que *pú-caros* e *búcaros* tem a sua pátria na península, nos centros principaes de arte árabe e mozárabe, onde na época luso-romana já existiam importantes olarias, debelo o dogma antigo das origens *americanas* que me parece resultante de dois factores. É o primeiro o superior apreço que os coleccionadores hispánicos de curiosidades ligavam naturalmente ao vasilhame do Novo Mundo, em parte porque realmente seria não só mais poroso, aromático e saboroso mas tâmbem ornamentado com maior orijinalidade do que o europeu, em parte pela rareza e careza dos poucos exemplares que, apesar da sua fragilidade, escaparam ilesos ás tormentas e vicissitudes de seis meses de mar. Apreço partilhado, de resto, pelos arqueólogos estrangeiros que olhavam com interesse especial para produtos de uma indústria tão exótica, notando admirados a grande semelhança dos *búcaros* mexicanos, chamados *das Indias*, com os vasos sámios e aretinos das necrópoles italianas. O segundo factor é o costume dos castelhanos de considerar Portugal como uma nesga de terra, separada *por*

nefas da Hespanha, e de não acreditar de boa mente que de tão pequena e desprezível Betleem podesse vir alguma coisa de novo e orijinal [1]. A innegável parecença entre púcaros pretos e vermelhos do México e os de Portugal levou-os a sentenciarem, confundindo Índia e Índia, que os introdutores e imitadores das *porcelanas* foram tambem introdutores e imitadores das únicas loiças de barro tosco que depois da era dos descobrimentos e das conquistas mereceram a atenção da Europa.

Parece todavia que Magalotti foi o primeiro investigador que assentou em fins do século XVII, tal opinião [2], já então corrente no país vizinho, colhendo-a por ventura na boca do Duque de Montalto e dos outros aficionados madrilenos que visitou. O facto de M^me^ d'Aulnoy nem mesmo haver mencionado búcaros americanos, não depõe contra a hipótese, pois essa viajante tratou do assunto só de passájem, sem estudo prévio [3]. Como os púcaros que viu usados em colações íntimas entre camareiras e damas da rainha de Hespanha ou expostos em *escaparates* de preciosidades [4], e

---

[1] Só de 1580 a 1640 é que as «coisas de Portugal» eram acatadas com amigável benevoléncia. A sciéncia moderna começa a arrumar felizmente com os mútuos preconceitos das duas nações.

[2] O italiano Magalotti esteve na península de 1668 a 1669. Oito cartas extensas que escreveu à Marquesa Strozzi, datadas de 1695, sairam em 1825 (Milão) na obra seguinte: *Varie Operette del Conte Lorenzo Magalotti con giunta di otto lettere su le terre odorose d'Europa e d'America dette volgarmente buccheri, ora pubblicate per la prima volta.*

[3] *Relation du Voyage d'Espagne*, La Haye, 1693. A viagem durou de 1678 a 1680. Sirvo-me da ed. de 1705.

[4] *Relation*, vol. II, p. 132, 142; III, 120.

os exemplares com que a brindaram, fossem todos de Portugal[5], de Portugal as *terras sigilatas* que viu comer, ouviu gabar e provou com repugnáncia[6], de Portugal tambem os brinquinhos-figas (ou figuinhas) que dependurados no pescoço e nos braços das crianças, serviam de amuleto contra o mau-olhado[7], só fala de barros portugueses, e de mais nenhum.

Posteriormente, a fama dos barros ricos de Natá e a crença que *búcaro* era em primeiro lugar denominação de uma terra arjilosa americana, e só por derivação nome de vasos e brinquinhos feitos d'essa mesma arjila (ou de outras, parecidas, afamadas pela sua porosidade, bom cheiro e sabor agradável), vulgarizou-se a ponto tal que é a única que encontramos expressa nos séculos XVIII e XIX em Dicionàrios, Enciclopédias e tratados de arte.

*

No Dicionário da Academia Hespanhola encontro p. ex.: BÚCARO: 1º *arcilla de América; 2º vasija hecha en Amé-*

---

[5] *Relation,* II, 143.

[6] *Ibid.,* II, 102.

[7] *Ibid.,* vol. II, 66. «Il est venu parmi les autres femmes une maniàre de bourgeoise assez jolie; elle portoit son enfant sur les bras; il est d'une maigreur affreuse; il avoit plus de cent petites mains, les unes de geais, les autres de terre ciselée *(sic; sigillée)* attachées à son col et sur lui de tous côtez... Elle prétend aussi qu'il y a des magiciens qui regardent quelqu'un avec une mauvaise intention, leur donnent une langueur qui les fait devenir maigres comme des squelettes, et son enfant, m'a-t-elle dit, en est frappé; mais le remède à cela ce sont ces petites menottes qui viennent d'ordinaire de Portugal.» As figas de azeviche vem em geral da Galiza.

rica[8]. No Enciclopédico: 1º *arcilla que se encuentra en varias partes de América;* 2º *vasos hechos en América con la arcilla de dicho nombre.* Mesmo filólogos italianos que, tendo conhecimento apenas dos *buccheri* da Campánia, lhes procuram orijens gregas, seguem a mesma ordem dos significados, dizendo p. ex.: BUCCHERO, *nome d'una terra rossastra di grato odore di cui si fanno vasi: e i vasi*[9]. O próprio erudito castelhano que condensou num Manual de Arte Peninsular para o South-Kensington Museum a história e evolução da olaria medieval para *terra-cotta*, faiança e porcelana, afirma que os búcaros eram orijináriamente importados da América, especialmente do México, e tem portanto em conta de imitações tanto os jéneros de somenos valor que eram fabricados na segunda metade do seculo XVII em Talavera, Ciudad Rodrigo e por ventura em Anduxar e La Rambla, como os que na mesma época vinham de Monte-mór o Novo, Estremoz, Lisboa[10].

Se um ou outro escritor liga importáncia á parte que os Portugueses tiveram na fabricação dos búcaros é para, como já indiquei, lhes atribuir o papel de intermediários, falando

---

[8] Outros dizem mais desenvolvidamente: *Arcilla que se encuentra en varias partes de América y que despide, especialmente mojada, un olor agradable.*

[9] Vid. Zambaldi, *Vocabolario Etimologico Italiano*, 1889.

[10] Depois de tratar dos barros não-vidrados da Andaluzia, especialmente de Anduxar e La Rambla e dos de Talavera, destinados como os púcaros a refrescarem a agua, Riaño continua: «It (sc. this porous pottery, unglazed earthen-ware generally used for cooling water) was imported originally from America; the greatest centre existed at Mejico.»

de búcaros da Índia Portuguesa [11]. Justi, o eminente biógrafo de Velazquez e historiador da escola de Grão-Vasco, adoptou este parecer, ao tratar do admirável quadro das *Meninas* [12], em que uma fidalguinha de sangue azul — *plus belle que l'on ne peint l'amour*, apesar do extravagante traje da época — apresenta em salva d'ouro um bucarito de barro vermelho á filha de D. Felipe IV numa mesura elegantíssima [13].

A tese nova, em pró da qual vou pugnar, a existéncia na idade-média de vasos-de-beber-água, de barro tosco não vidrado, e por isso muito poroso, os quaes em Portugal eram denominados *púcaros*, desenvolve-se dos factos que passo a relatar.

*

A olaria, planta rústica arraigada no solo peninsular desde tempos immemoriaes, mereceu atenção aos lejisladores logo

---

[11] Esta expressão encontra-se p. ex. no mesmo *Diccionario Enciclopédico* de onde tirei a definição do vocábulo, e diz respeito a exemplares portugueses legados ao Museu Arqueolójico Nacional de Madrid pela Condessa de Oñate juntamente com outros mexicanos.

[12] *Diego Velazquez und sein Jahrhundert*, Bonn, 1888, vol. II, p. 312: «Sie reicht der Infantin auf goldner Schale Wasser in einem rothen Schälchen von bucaro, einem feinem wohlriechenden Thon der aus Ostindien kam».

[13] O quadro pintado no anno de 1656 representa a Infanta D. Margarida, filha de Felipe IV e D. Mariana de Austria, na idade de cinco annos. As duas *Meninas* cuja fermosura peninsular contrasta com a jermánica da Infanta, e com a fealdade grotesca de bobos e anões, são D. Maria Agostinha, filha de D. Diego Sarmiento, e D. Isabel de Velasco, filha do Conde de Fuensalida.

nas cartas constitutivas, concedidas no tempo da reconquista a municípios nascentes, quer por senhores particulares, quer pelos primeiros reis de Portugal. Nelas aparece freqüentemente um parágrafo relativo a oleiros, proteccionista, pois isenta de impostos os fornos e armazéns de loiça de barro (juntamente com os de pão); mas não os de telha e tijolos, talvez por esses serem muito mais rendosos naqueles tempos de reconstrução em territórios privados de granito [14].

Claro é que êsse parágrafo costuma ser de concisão extrema, empregando exclusivamente um vocábulo jenérico — *olas* — para designar o vasilhame todo [15].

No foral, dado em 1179 a Lisboa e igualmente ás vilas vizinhas de Almada, Palmela e Alcácer, lemos p. ex.:

De tendis. Et habitadores Ulixbone habeant libere tendas, fornos panis, scilicet et ollarum.

De fornis et telia. Et de fornos de telia dent decimam.

---

[14] Os fabricantes de loiça de pao tambem pagavam direitos da sua indústria que é tão antiga e tradicional como a do barro. *De concas vel de vasis ligneis, decimam.* Essas *cuncas* ainda subsistem hoje com o mesmo nome, especialmente na Galiza, e juntamente com elas *masseiras*, *artesas*, *escudelas*, *gamelas*, sem falarmos do vasilhame grande de aduelas como *toneis*, *pipas*, *barris*, *dornas*, *selhas* e *canecos*. No *Archeólogo Português*, vol. IX, p. 68, acha-se impressa uma curiosa lista de objectos de madeira entregues ao almoxarife de Lisboa no ano de 1257.

[15] *Olas* é o único termo cerámico que me lembro de ter lido nos Cancioneiros galego-portugueses. Por sinal no *Cancioneiro do Vaticano*, n.º 1156, onde a *ola* aparece como vasilha em que um avaro arrecadava os seus dinheiros, e nas *Cantigas de S. Maria*, n.º 159, no sentido de *panela*.

Na tradução de 1361: E os moradores de Lixboa aiam livremente tendas, fornos, de pam convem a saber e de ollas.
E de fornos de telha dem dizima [16].

Os mesmos preceitos repetem-se em muitos foraes posteriores, do sul do reino [17]. No norte, onde as condições de vida eram outras, vigoravam determinações diferentes, como se conhece do mui antigo foral, particular, de Cernancelhe (a. 1124):

O oleiro, de tres cozeduras de II ollas: I grande et alia parva. Conqueiro pro illo anno inter concas et vasos XII. [18].

Em doações e testamentos do mesmo período, e mais ainda no direito consuetudinário que rejista o preço legal dos principaes artigos de venda e salários de mesteiraes, é que surjem de vez em quando alguns nomes populares de vasos de terra, de proporções grandes e medianas, de ter e acarretar água, como *infusas* [19], *cántaros, almudes, asados*, ou de ir ao lume como *panelas* [20]. Mas nunca o de vasos tão modestos, de dimensões tão restritas, preço tão vil e função tão primitiva e universal como os copos de beber água, denominados *púcaros*.

---

[16] *Port. Mon. Hist.: Leges*, p. 412.

[17] Nos foraes de Santarem, Leiria, Alcobaça, Monforte, Vilaviçosa Castromarim (*Leges*, p. 406, 496, 548, 670, 717, 734). Disposições parecidas existem relativas a centros cerámicos hespanhoes como Talavera (a. 1222), Córdova (a. 1281), Xativa. Cf. Riaño, *The Industrial Artz in Spain*, Lond. 1879, p. 163.

[18] *Leges*, p. 364.

[19] Documento de Penacova a. 1192, citado no *Elucidario*.

[20] Costumes de Coimbra a. 1145. Vid. *Leges*, p. 744.

Após a integração completa do país, as indústrias e o comércio começaram a progredir, vagarosamente embora. O tráfico interno tomava notável incremento. As feiras periódicas eram visitadas em parte por mercadores estranjeiros. Mas sómente depois do advento da segunda dinastia, levantada ao trono pela vontade do povo na revolução de 1383, é que os ofícios mecánicos ganharam influência sensível e organização apropriada. Entre os *Vinte e Quatro* mesteres privilejiados que tinham voto na administração da capital não faltavam os oleiros. Arrejimentados com telheiros, e mais tarde com outros especialistas, debaixo da bandeira de Santa Justa e Rufina, de Triana apar de Sevilha tomavam parte em todas as demonstrações políticas e festividades públicas [21].

E então que em *Posturas* municipaes, devidamente pormenorizadas, principiam a figurar *púcaros,* logo com uma série de variantes derivadas, como *meios-púcaros*, *pucarinhos*, *púcaras, pucarinhas* [22].

Nas de Évora, centro importantíssimo de olarias mouriscas (principalmente de materiaes de construção, telhas, tijolos, ladrilhos, baldosas, canos, alcatruzes), ha disposições outorgadas entre 1375 e 1399 [23] sobre vasilhame de barro: quanti-

---

[21] Vid. Oliveira Freire, *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa,* vol. I, p. 355, V, 555 ss. Nem em todas as cidades peninsulares os oleiros eram privilejiados. Em Valencia del Cid e Tarazona, p. ex., não figuravam na Casa dos Mesteres.

[22] Na tabela de preços, promulgada em 1253 por D. Affonso III, riquíssima só em informações sobre o vestuário e a alimentação dos povos, nada se encontra sobre o assunto.

[23] Vid. Gabriel Pereira, *Documentos Históricos da Cidade de Evora,* 1885-1892, p. 127-154.

dades em que costumava importar cada fornada, tamanho das peças, somas por que o dono as havia de vender. Começando com a *ola* de medida normal, i. é com o *cântaro* (de que se fabricavam oitenta de cada vez, a 20 dinheiros), o rejimento sobe aos vasos mais volumosos — *cântaros taalheiros* ou *talhas* — e desce de lá aos menores — *infusas, asados, panelas* — acabando com *púcaros* de duas espécies: grandinhos para água, a seis dinheiros; menores para vinho, a tres [24].

Outro título das mesmas Posturas, em que se trata de medidas exactas de líquidos e sólidos, ensina como esses, de dimensões prescritas, não serviam apenas na medição do vinho «atavernado», mas tambem e principalmente na do mel, comprado quási sempre em porções diminutas por *meios-púcaros* [25]. Em outras, um pouco mais tardías, posto que ainda pertençam ao reinado de D. João I [26], decreta-se não só a respeito das vasilhás citadas, mas tambem a respeito de potes, caldeirões, tijelas, alguidares, alcarradas, sartans, candeeiros [27]. Aí são mencionadas *púcaras de tres arrateis* — digamos de litro e meio; *púcaras d'água* — ponhamos de litro; *pucarinhas pequenas* — de meio litro; e *pucarinhos pequenos para moços pequenos* — de decilitro ou quarteirão, pouco mais ou menos [28].

---

[24] Vid. Gabriel Pereira, *Documentos Históricos da Cidade de Evora*, 1885-1892, p. 143 et 144: *Título dos Oleiros.*

[25] *Ibid.*, p. 132. Mel de favos, naturalmente, visto como o de açucar de canas (melaço) só se vulgarizou do século XV em deante.

[26] Provávelmente de 1392.

[27] *Doc. Hist. Ev.*, p. 181.

[28] Pelas Taxas lisbonenses de 1611 conhece-se que então os púcaros

*

Apesar do diminuto valor material do púcaro, d'aí em diante não faltam informações que patenteiem o seu valor ideal e a vasta área em que reinava, desde a cozinha dos pescadores e tripulantes do bairro de Alfama até ao paço réjio, e provam que fôra erguido a estas alturas sociaes e quasi a instituição nacional em virtude das suas qualidades de frescura, tão apreciáveis em climas quentes. Autores graves contam em obras históricas casos anecdóticos que se deram com certos exemplares. Em escritos beletrísticos aparecem alusões a espécies distintas. Vejamos algumas:

O cronista de D. Denis narra uma lenda piedosa da Rainha Santa, em estilo pouco cuidado e detestável ortografia.

Estando ha Rainha em Alemquer, muito doente de humores frios pera que hos fisiquos por meyzinha lhe mandavam beber vinho no puquaro porque bebia, ella ho nom quiz fazer; [e] trazendolhe aguoa para ella beber, milagrosamente se tornou duas vezes vinho no puquaro [29].

---

normaes eram de quartilho, e meio-quartilho, mas que havia outros mais pequenos. Naquele tempo feliz havia aparentemente tanta abundáncia de leite que um púcaro de nata doce, de quartilho, custava um vintem, o de meio-quartilho dez reis! «E não a venderão em púcaros que levem menos»! Um púcaro de quartilho, cheio de nata azeda importava em cinco-reis! Vid. Oliveira Freire, vol. V, p. 220.

[29] Ruy de Pina, *Chronica de D. Denis*, cap. 2. Na arcáica *Vida de Santa Isabel*, composta logo depois do seu falecimento, não encontro este *Milagre*. Vid. o Relatório oficial sobre o processo de canonização (Ribeiro de Vasconcellos, *D. Isabel de Aragão*, vol. II, p. 578). As escrituras «antiguas e muy autentiquas» a que o historiador se refere, devem

Neste ensejo, o uso de barro vil na mesa dos reinantes, em lugar de ouro e prata, podia ser acto de humildade. Mas não já á mesa do varonil D. João II, numa ocorréncia transmitida aos pósteros pelo seu jovialíssimo moço da escrevaninha Garcia de Rèsende, e memorada no sobrenome de *Púcaro* que então foi dado a um fidalgo, porque, mais valente do que jeitoso, deixára cair o vaso de beber que ia apresentar ao seu rei e senhor:

E Pero de Mello, fidalgo de sua casa, era muyto bom cavalleiro e muyto desmanhoso; e hum dia levando de beber a el Rey á mesa, hia-lhe tremendo a mão e em querendo tomar a salva, cahio-lhe o púcaro com a agoa no cham, de que ficou muyto corrido; e algũas pessoas principaes começaram a rir, e el Rey disse alto: «De que vos rides? Nunca lhe cahio a lança da mão, ainda que lhe cahisse o púcaro?» De que Pero de Mello ficou muyto contente e tornou-lhe a dar de beber [30].

O autor não diz se o púcaro se fez em estilhaços. Portanto quem-quer pode duvidar, diverjindo do meu parecer, se realmente seria de terra vil, apresentado embora em salva rica e coberto de tampa dourada; ou antes todo ele de prata, como o resto da baixela [31]. Ambos os modos de servir água

---

portanto ser outras, talvez manuscritas de Fernão Lopes, talvez papeis do convento de S. Clara.

[30] *Vida e Feytos del Rey D. Joam Segundo,* cap. 87. Cf. *Hist. geneal da Casa Real,* vol. XII, p. 434. Está visto que o acontecimento é narrado, por causa do dito verdadeiramente réjio, em todas as colecções de apoftegmas. P. ex. na de Suppico, vol. I, p. 120, o qual, de passájem seja dito, meteu muito a miudo a foice na seara de Melchor de Santa Cruz de Dueñas (*Floresta Española,* Kassel, 1607).

[31] Cf. Nota 107.

na côrte eram usados no reinado do fausto e felicíssimo sucessor de D. João II. Quer por encomenda, quer a capricho, um ou outro dos ourives palacianos [32] imitava em ouro ou em prata esmaltada, dourada e lavrada, o feitio tradicional do púcaro de barro [33].

Mais freqüente era, todavia, lavrarem apenas salvas ou bacios de púcaro, e tambem sobre-copas artísticas e asas de ouro. Na lista das joias e da arjentaria que uma das filhas de D. Manuel levou em dote (a. 1521) acha-se:

> Hum pratel de prata, de levar púcaro, dourado de dentro et de fóra [34]...
> Huma sobre-copa d'ouro, esmaltada, que serve com púcaro [35].

A mesma dúvida é permitida com relação a um dos vasos em que se des-sedentaram os aventureiros de Alcácer-quebir:

> D. Rodrigo de Mello, filho do segundo Marques de Ferreira, foi morto

---

[32] Todas ou quási todas as lindas formas tradicionaes do vasilhame de barro eram imitadas pelos ourívcs de prata. Nos Inventários, Testamentos, Documentos de doação encontro de longe em longe (além dos tipos mais usados, como taças, copas, picheis, gomis, bacios) algum cántaro, pote, atanor, barnagal, barril, tonel, tacho, e alguma ola, panela, almofia, albarrada, jarra, almarraxa de prata. Vejam p. ex. na *Hist. geneal.*, *Provas*, vol. I, 574; II, 348, 447, 448, 449, 451.

[33] Um pelo menos figura no Inventário de D. Manoel (a. 1520): «Huũ pucaro de prata bramca, com sua asa.» Vid. *Provas*, II, 348, e *Archivo Histórico*, II, p. 391 e 417.

[34] *Provas*, II, 449. No inventário de um Arcebispo de Braga (a. 1529) aparece um *bacio de pucaro*, redondo. Vid. Joaquim de Vasconcellos, *Historia da Arte*, II, p. 9.

[35] *Provas*, II, p. 348. As asas de ouro aparecem mais abaixo num púcaro de vidro.

por um pelouro que lhe entrou na boca no momento em que, tendo bebido agua d'um ribeiro num pucaro, ainda estava de boca aberta, saboreando o líquido restaurador [36].

Mas não tem lugar com relação a el-rei D. Sebastião. D'esta vez o púcaro era bem de barro. E — nota característica que ajuda a interpretar o silêncio até então observado por autores portugueses — é um estranjeiro que o descreve, surpreendido por ver o que nunca tinha visto: na mesa d'um monarca, no meio de arjentaria luxuosa, um vaso tão plebeu. Seu nome é João Batista Venturini, secretário do legado pontifício Miguel Bonelli, Cardeal Alexandrino, que fôra enviado por Pio V, seu tio, a Portugal, com a missão de ultimar os desposórios de D. Sebastião com Margarida de Valois (a. 1571) [37].

Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata, cheio d'agua [38], do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de urna antiga, d'altura d'um palmo e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam barro d'Estremoz, pelo qual bebeu seis vezes.

Na descrição d'essa terra clássica de pucarinhos, cantarinhas e bilhas, o italiano refere-se novamente ao barro,

---

[36] Vid. Jerónimo de Mendonça, *Jornada de Africa*, I, c. 6.

[37] Ainda não foi publicado o texto italiano da relação de viajem (Cod. Vat. 1607 e Dresd. F. 128). A tradução portuguesa é de Alex. Herculano e encontra-se no *Panorama*, V, 184, e nos *Opúsculos*, t. VI, p. 89.

[38] Fraco gosto, se o viajante italiano falou verdade. Talvez houvesse dentro da vasilha de prata, que viu, outra de barro poroso: cántaro ou atanor como o que ainda veremos figurar na mesa do Príncipe D. Afonso, filho de D. João II.

do qual fazem diversos vasos muito lindos, e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e o proprio rei[39].

A fama da loiça d'Estremoz é todavia muito mais antiga. Já havia transposto as fronteiras na primeira metade do século XVI, a mais tardar. Um anónimo, familiar do Arcebispo de Lisboa, com o qual teve de acompanhar a noiva de Felipe II a Castela (a. 1543), descreveu a jornada, assentando as suas impressões em linguajem desafectada. Chegado a Estremoz, julgou do seu dever exaltar a formosura das raparigas da vila muito àcima da, segundo ele, demasiadamente apregoada dos púcaros de barro e dos almofarizes de mármore. É este propósito, salvo erro, que lhe inspirou as palavras:

Nesta villa ha muitas moças fermosas e em boa cantidade; porque se os graes e os pucaros sam formosos, mais merecem as molheres[40].

Ignoro se a princesa D. Maria, neta de D. Manuel, levava então comsigo especimes de loiça pátria, como complemento indispensável das pratas e porcelanas e dos estofos que constituiam o enxoval do costume, e se por acaso D. Carlos, seu único e mal-logrado filho, mataria a sede nos seus accessos febris em púcaros de Portugal, cheios de neve da serra, á moda de Castela.

Certo é que decénios antes sua tia, a Emperatriz († 1539), filha de D. Manoel e mulher de Carlos V desde 1526, possuia

---

39 Vid. *Opúsculos*, VI, p. 67.

40 *Hist. Geneal.*, *Provas*, III, p. 118: Diario da Jornada da Infanta D. Maria, filha de D. João III.

uma colecçãozinha de púcaros portugueses de estimação, não de Estremoz, nem de Evora — é preciso ficsar este ponto — mas de outro centro afamado da mesma rejião alemtejana, Montemór-o Novo[41]. No seu Inventário estão rejistadas:

17 piezas de bucaros de Montemayor[42]; otra pieza grande que es un jarro grande de Montemayor; otra pieza grande de Montemayor, a manera de botija; un bucaro de vidro con dos asas de oro e en el pie quatro coronas de oro, e d'esmaltado por dentro, el qual dice que dio el Conde de Nassau[43].

Certo é tambem que a filha da Emperatriz, irmã por tanto de Felipe II e esposa do Príncipe D. João de Portugal, ganhou na sua pátria de adopção uma grande predilecção por esse vasilhame de refresco e levou amostras quando, ao cabo de curtos annos, sua sina a reconduziu a Castela (1554). No seu Inventário (a. 1573) estão inscritos púcaros tanto de Montemór como de Estremoz e de Lisboa, além de alguns de proveniéncia hespanhola[44].

---

[41] Não disponho dos elementos precisos para verificar se realmente a indústria de Montemór precedeu a de Estremoz.

[42] É o exemplo mais antigo da palavra *búcaro* que posso apontar até hoje.

[43] O orijinal está no Arquivo Jeral de Simancas, na secção chamada da Casa Real. Devo estas notas inéditas á amizade de D. Ramón Menéndez Pidal.

[44] Riaño extractou o orijinal sem indicar o paradoiro. A p. 178 diz ele: «In the inventory of the effects belonging to D. Juana, the sister of Philip the Second, drawn up in 1573, *búcaros* made at Lisbon, Estremoz and Montemayor in Portugal and those of Ciudad Rodrigo and Castille are also mentioned.» Investigações, feitas a meu pedido em Simancas, não deram resultado. Talvez o documento se guardasse no Convento das Descalças de Madrid, fundação de D. Juana?

Não menos certo é que o próprio Felipe II conhecia e estimava os mimos de Estremoz, visto como durante a sua estada em Lisboa, mandou fazer alguns para suas filhinhas Isabel e Caterina, iguaes a outros que lhe haviam servido em Madrid ou no Pardo para flores, conforme conta em cartas familiares ás Infantas:

Al Calabrés he embiado á Estremoz á hazer púcaros como los en que tenia ay las flores [45].

El Calabrés ha vuelto já d'Estremoz, aunqu'el dexa hacíendose allí los púcaros [46].

Para findar regressemos por um momento á côrte de D. João III, cuja esposa não se envergonhava de humedecer os lábios com agua contida em louça popular.

Na época felipina lembravam-se com saudade da sua despretenciosa laboriosidade:

Idade de ouro e tempo santo quando a Raynha Dona Caterina assi era contínua no trabalhar que da secura que lhe causava o fiar tinha sempre apar de si hum púcaro com agua em que molhava os dedos [47].

*

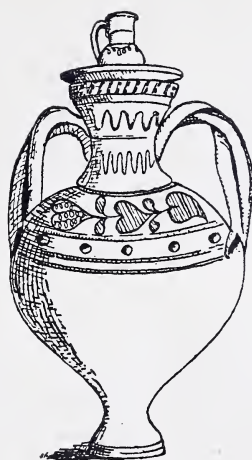
Vejamos agora certas alusões literárias a púcaros populares [48]. Contra toda a previsão são algumas destas que nos

---

[45] Gachard, *Lettres de Philippe II à ses filles*, p. 203.

[46] *Ibid.*, p. 207. Note-se que Felipe enviava ás filhas, entre outras preciosidades da India portuguesa, porcelanas de espécie desconhecida.

[47] Martim Affonso de Miranda, *Tempo de agora* (1622); vol. I, p. 106, da ed. de 1785.

[48] As quatro anecdotas históricas que citei acham-se elegantemente

Asado de Miranda do Corvo

Púcaros brinquinhos de Vilareal

Asado de Miranda do Corvo

irão ministrar indicações precisas a respeito da fisionomia peculiar com que a notável evolução das artes plásticas havia dotado o humilde copo de terra na era do Renascimento.

*

Primeiro direi que nos *Autos* de Gil Vicente em que abundam, como todos sabem, os materiais etnológicos, encontro o púcaro só uma vez, e sem particularização notável. É no afamado e discutido *Auto da Feira*, — representado em Lisbõa, no Natal[49] de 1528, em que Roma vem mercadejar em Portugal — que uma das mal-maridadas, cheia de fel amargo, pretende comprar *uma pucarinha pequena para mel*[50], ao passo que a outra procura

> sombreiros de palma
> muito bôs pera segar
> e tapadas pera a calma.

A primeira e mais valiosa referência a um púcaro ornamentado que conheço, faz parte de um dos Diálogos de Francisco de Moraes, autor do *Palmeirim de Inglaterra*[51]. Uma mulher do povo, regateira na Ribeira de Lisboa, está

---

narradas na *Lisboa Antiga* de J. de Castilho, vol. III, p 20-22, repositório abundante de notícias curiosas, o qual muito ganharia, se se lhe adicionasse um bom Índice de matérias.

49 Vid. Braamcamp, *Gil Vicente, Trovador e Mestre da Balança*, p. 186.

50 Ed. Hamb. I, p. 175.

51 Moraes morreu provàvelmente no ano de 1572. Não ha meio de apurar a data da composição dos *Diálogos*.

disposta a casar com um seu antigo namorado, moço de estribeira, recem-chegado de Flandres. E gaba-lhe, retrospectivamente, mas com a mira no futuro, os encantos da sua casinha, no bairro marítimo de Alfama. Entre outros arranjos primorosos, louva a sua *cantareira*, vão de parede sem porta em que era costume resguardar as indispensáveis vasilhas, a saber: uma talha grande bojuda para depósito de água; outra menor para ser levada á fonte, acompanhada em geral do púcaro, preso na asa com um cordel; e alêm d'isso algum exemplar solto para regalo das visitas, emborcado sobre um pratel [52]. Esse tal seria o de cunho artístico:

> ... que como determinava receber-vos por marido, me esmerava em tudo, tendo a minha cantareira alva como a neve [53], e talhas vermelhas como sangue, postas nela; [e] púcaro d'Estremoz, *pedrado por dentro, com serpinha no meio*, feita do mesmo barro; e porque era antigo, dei-lhe uma cerada, parecia quasi novo [54].

---

[52] A *cantareira* aparece tambêm em Gil Vicente, (I 348) no *Dialogo sobre a Ressurreição*. Dentro dele ha desta vez, alêm do *pote* para água, o pichel d'azeite, vasilha para vinagre, tigelas, bacios, candieiros e panelas.

[53] Note-se que a expressão *limpa como cantareira d'Alfama* ou *mais caiado que cantareira d'Alfama* era proverbial. No Norte, a cantareira é ás vezes substituida por um banco ou uma mesa coberta de um tapete (o bancal).

[54] Tirei o texto da edição mediocre de 1852. Qualquer dia conto publicar edição nova, com variantes inéditas, importantes, que todavia não alteram os passos que aqui treslado. Não quero contudo privar o leitor do gosto de conhecer o princípio do trecho: «Mano, a vós só quero, a vós só tenho na vontade; e ainda está por nascer a quem eu desse lenço de bretanha, de setenta reaes a vara, lavrado pelos cantos com molhos de setas de verde e encarnado, como dei a vos; no meu (leia-se: *meio*) o meu coração atravessado com muitas (que assi trazia eu o meu); e

«Pedrado por dentro, com serpe ou cobra no fundo.» A estes traços, juntemos o de a água tocando em pedrinhas encrustadas na massa e estendidas no fundo, murmurar deliciosamente como se fervesse, evocando a ideia associativa de um regato a correr sobre seixos e areias. Quem notou este ruido sujestivo, decénios antes de Duarte Núnez de Leão e um século antes de M^me^ d'Aulnoy e de Magalotti, foi o poeta dos *Lusíadas*, numa das *Cartas da India* que o desterrado patriota escrevia em Goa (1554), em estilo metafórico, joco-sérias. Falando a um companheiro das estúrdias juvenis, presta homenajem um tanto frívola, em certa hora de recrudescéncia dos devaneios antigos, ás Ninfas do Tejo,

---

toalha de olanda para alimpardes o rosto...» O passo final diz: «e tudo coberto com seu mandil de Guiné, listrado de muitas côres, por amor do pó; prateleiro espanado, com seus bacios vidrados, e malega de Flandres, pendurada por cordel; da outra parte redoma azul, cheia de agua de frol, para vos borrifar a cabeceira da cama; papel de Santo Antonio e ramo de palma benta entre elle e a parede por vos não dar olhado.» Como remate temos a descrição da cama, guarnecida de «cobertor de papa, novo da peça, de trezentos e sessenta reaes, assi me valha a verdade, com travesseiro lavrado de vermelho, almofadinha de frouxel porque vi que ereis mimoso, enxergão de palha debaixo para ficar mais molle; e para dormirdes a sesta, tanho de Santarem com almofadinha de guadamecim, porque é fria. Então, minha escovinha dependurada em seu prego; rabo de boi com pentem mettido nelle; espelho da outra parte para vos verdes; e então agua de louro para os pés; cortiça para debaixo pelos não pordes no chão; decoada para a cabeça; e rapei as unhas por vos não fazer mal quando vo-la lavasse; carapuça de emprensar, lavrada de pontinho, perfumada de alecrim; assucareiro vidrado com alfazema; caixa de marmelada de medronhos pera polas manhãs e tudo a ponto pera que a nada podesseis pôr tacha.» Quadrinho de interior, bem caracteristicamente português.

comparando, cheio de saudades, com as caras secas, amarelas e enjelhadas das Goenses, a frescura de tez das Lisboetas.

Ora, julgae, Senhor, o que sentirá hum estomago costumado a resistir ás falsidades de hum rostinho de tauxia de huma dama lisbonense, que *chia como pucarinho novo com agua*, vendo-se agora entre esta carne de salé que nenhum amor dá de si[55].

Em outra *Carta*, de Lisboa e portanto dos próprios tempos das estúrdias, inédita até 1903 e mesmo desde então pouco lida e apregoada, por justos motivos, o Poeta descreve à patusca certas «damas» da capital — como muito perigosas: — rostos que farão luxuriosa a própria Lucrécia, testa de alabastro, olhos de *mordifuge*, nariz de manteiga crua, e a boca de um vermelho tão vivo como pucarinho de Estremoz[56].

Mais outra vez Luis de Camões torna a lembrar-se dos pátrios artefactos, numa escena do *Auto de Filodemo*, escrita tambem em Goa, e como a Carta primeira no mesmo estilo, ordinàriamente metafórico, que então era moda. Com relação a uma menina delicada diz:

Dionysa, mais mimosa e mais guardada de seu pae que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos não tinha feito inda o enequim; mais formosa que huma manhã de S. João; mais mansa que o Rio Tejo; mais branda que hum Soneto de Garcilaso; mais delicada que hum *pucarinho de Natal*[57].

---

[55] Vid. edição de Juromenha, vol. V, p. 219. A tradução de Storck *lispeln wie ein neuer Krug mit Wasser* não póde transmitir ao leitor alemão a ideia de fresquidão deliciosa que o poeta queria evocar.

[56] Vid. Xavier da Cunha, *Boletim das Bibliotecas e Archivos Nacionais*, Vol. III, (1904).

[57] Acto V, scena III.

Espécie nova que completa o nosso saber[58].

Fóra d'isso vejo o púcaro mencionado em Églogas e Redondilhas rústicas, como atributo imprescindível de esbeltas «moças de cántaro», que caminhando descalças á fonte, ora cantando, ora chorando, tem a deitar ao longe testinhos, cada vez que escorregando quebram as vasilhas. Lembro p. ex. a inspiradora de Rodríguez Lobo, pois nos diz, como que fosse intencionalmente que

> a talha leva pedrada,
> pucarinho de feição[59].

[58] «Ein Wasserkrug auf dem Weihnachts-tische» como traduz Storck é coisa que não conheço. Melhor fôra dizer: «zarter als Weihnachts-Honigkuchen.» Eu, pelo menos, estou convencida de que os pucarinhos de Natal iam cheios de mel, ou de alguma guloseima, feita de mel e ovos. Mel (rosado ou não), que vimos metido e guardado em púcaros, entra em muitos acepipes tradicionais do Natal. E o costume de o oferecer a crianças, em potinhos de barro, ainda subsiste em diversas localidades.

[59] *Egloga* V. Uma d'essas moças, que meio-século antes fôra celebrada por Cristóvam Falcão, talvez levasse na cabeça um cántaro de Montemór:

> hũa talhinha pedrada,
> ou hu pedrado atanor (*Crisfal*, estr. 70).

Camões e Caminha glosaram uma cantiga que diz:

> Na fonte está Leonor
> lavando a talha e chorando.

D Francisco de Portugal celebra uma Inés, *moça de cántaro*, á qual a juventude de Almada enramava portas e janelas no primeiro de maio (*Prisões e Solturas*, p. 18), e uma Lianor das que quebram o pote na fonte (*Divinos y humanos Versos*, p. 79). Quanto ao *atanor, atenor, tanor tenor, tinor* relevemos no *Canc. Geral*, II, 482 a expressão *moça de tanor*, sinónima de *moça de cántaro; ibid.*, I 216, a frase

> bebe mais çumo de vinha
> do que leva um *tenor* ;

E aquela *Lavradeira de Airó* que vai

> polo caminho de cima
> com huma talha apedrada,
> pucarinho de Estremoz
> em prato de porcelana [60].

Quanto aos diversos ofícios domésticos do nosso biografado, notemos que entre as finas regras de etiqueta familiar, formuladas pelo mesmo Lobo, ha uma em que entra um púcaro dos grandes, cheio provávelmente de bom vinho da terra, a circular de mão em mão, fazendo as vezes do tradicional jarro ou canjirão. Na sua *Côrte na Aldeia* ordena, com insuficiente clareza [61]:

> Que ninguem levante o copo ou o púcaro quando outrem o tem na mão [62].

Copázio do tamanho dos de vidro que antigamente, cheios de espumosa cerveja branca, serviam em Berlim para uma família inteira?

Ibid., 158, outra que prova que tanores bojudos e rechonchudos como pucarinhas, não faltavam na mesa de D. João II, e seu malogrado filho o Príncipe D. Afonso:

> e que seja rechonchã
> nom ajais por maravilha,
> nem que tenha redondeza;
> mais o tem o *atanor*
> de que bebe su' alteza
> do principe nosso senhor.

[60] O *Auto da Lavradeira de Airó*, de Antonio de Villas-boas e Sampaio foi impresso em 1678 e 1841.

[61] *Dialogo*, XII.

[62] *Levante*, no sentido de *agarre*. Não é provável que se trate de sendos púcaros, levantados e esvaziados no mesmo momento por toda a companhia.

E não esqueçamos que certos púcaros grandes — tratados de *púcaras* pelo povo — iam ao lume, fazendo as vezes da panela. Para o provar basta remeter o leitor a um bocadinho da obra espiritual *Luz e Calor*, em que o Padre Manoel Bernárdez menciona *uma púcara de sustáncia*, posta ao lume, para o conteudo ser ministrado a um doente[63].

Quanto ao bom cheiro e sabor agradável dos barros portugueses, que naturalmente eu desejaria poder documentar por meio de testemunhos antigos, apenas posso assinalar uma referéncia vaga. O que ela demonstra é que em 1516 já havia púcaros perfumados de propósito — caçoletes ou perfumadoiros — comquanto nem sempre as espécies da composição aromática neles queimada ou destilada a frio por damas profissionaes *(de nação)*, fossem perfeitas. No *Cancioneiro geral* ha no fim (reservado pelo coleccionador ás trovas por ele compostas) umas, satíricas, em consoantes forçados, que são uma ladainha de palavrões, metáforas, figuras, destinadas a ridicularizar outro *dizedor*, o qual o havia provocado com motejos sobre a sua proverbial redondez, embora a própria pessoa d'ele pouco cedesse á do outro em volume e fealdade. Dando a réplica, Garcia de Rèsende desfia um rosário de nomes de objectos esféricos com que equipara Afonso Valente, o agressor. Entre estes ha

> pucarinha de Judia
> em que tem rroym espécia[64].

---

[63] *Luz e Calor*, p. 376.

[64] *Canc. Geral*, III, 657 *Judia* e não *India*, como alguem poderia imajinar, pois rima com *malvasia, Lombardia, ucharia*. Em outras trovas (III, 591), em que o mesmo autor diz mal das pousadas de Almeirim, promete

Aí mesmo se emprega, num passo ainda mais escuro, o substantivo depreciativo *bucarejo*, por ora não rejistado pelos lecsicógrafos portugueses. A meu ver, deve ser nome de vasilha quási esférica, de pouco preço[65].

Sòmente desde o fim do século XVI — nos sessenta anos da união ibérica — é que a notoriedade de púcaros *odoríferos* e a moda viciosa da bùcarofajia se manifesta em obras didácticas sobre as riquezas naturaes, indústrias e costumes de Portugal, e em tratados de economia e fisolofia doméstica.

---

ou agoira a um seu amigo e convidado que aí encontraria entre outros «mimos» nacionaes, dignos de um anacoreta, os seguintes: no chão do aposento *esteira do Algarve* muito gasta; na cama, *manta do Alemtejo*, essa, nova para ser bem áspera e picante; em lugar de cadeira, *tanho de Santarem;* no lavatório loiça vidrada muito vulgar e pouco sã e asseada:

> pychel, bacios vydrados,
> brancos e verdes, quebrados
> . . . .
> o copo seraa quebrado
> e albarrada tambem.

[65] *Canc. Geral,* III, 651.

> Tod' esta voss' obra feede
> ha lee la, segundo vejo,
> Syseiro tomado em rrede,
> *bucarejo.*
> Se vos oulho por de fronte,
> pareceis muy curto maço
> ou gram caldeyram de fonte
> e pyloto do adraço.
> Camgrejo que nam val nada
> e quer soster presunçam,
> pichel de mea-canada,
> bilharda, bola ou bulhão.

O passo mais valioso de Duarte Núnez já foi aproveitado por Morel-Fatio num segundo estudo (inédito), por ser na tradução latina da *Descripção de Portugal*, elaborada pelo Padre Antonio de Vasconcellos [66], que Magalotti havia colhido diversas notícias exactas e fidedignas. Como todavia não utilizasse todas, vou tresladar o parágrafo inteiro.

Alem destes vieiros de pedras que ha de differentes generos, ha outros de barro fino, & de *excellente cheiro* de que se fazem pucaros & outros vasos maiores para beber & ter agoa, de muitas feições & de gentil talho, de que dam o primeiro lugar aos de Lisboa, *por o bom cheiro que de si dam* a quem por elles bebe. Outros sam após estes os de Montemoor o novo, que em cheiro lhes nam dam lugar, porque *sam pucaros que nunqua sam velhos como os de outras partes: & a razão he que sam feitos de barro mui cheiroso & amassados com muitas pedrinhas,* que parece que sam tantas as pedras como o barro: dos quaes quando querem usar, os roçam primeiro com huma pedra, & assi descobrem outras mais pedras, & fica novo barro: & assi cada vez os que querem fazer novos, que tenham o cheiro que tinham quando novos, os tornam a roçar & começam apparecer outras pedrinhas. Outros pucaros ha do Sardoal de barro grosseiro & semeado de algumas pedras mais grossas que as dos de Montemoor que para o verão sam mui frescos: porque reçuma por elles a agoa por serem mui porosos & assi a esfriam mui em breve.

Ha outros da villa de Pombal quasi da mesma feiçam que tambem são mui estimados. Os pucaros de Estremoz nam se deixarão por de menos bondade. Antes sam de grande estima porque sam de hum barro tam fino & tam coado & tam liso como se fossem de vidro & *de excellente cheiro & sabor quando são novos, & em que se fazem muitas lou-*

---

[66] Toda a *Descriptio Regni Lusitani*, impressa em 1621, é efectivamente versão livre, ora reduzida, ora parafraseada da obra de Duarte Núnez († 1608) a qual fôra escrita em 1599 e impressa em 1610. Algumas vezes é aumentada de informações novas.

çainhas por a fineza do barro que o consinte: *dentro dos quaes se formão rãas & cobras & outros animais aquaticos, & vam semeados de pedrinhas tam miudas que parecem area, que com humas pedras brancas mais grossas que lhes põe, em que se quebra a agoa, sam mui apprazíveis: porque cada pucaro fica parecendo huma fonte.*

Pelo que se podem gabar os Portugueses que bebem as melhores agoas & pelos mais apropriados vasos para ellas que todas as outras nações, onde os maiores senhores bebem a agoa por vasos de materia & de obra per que se não dignaria beber hum lavrador dos nossos [67].

E assim sam estes vasos taes, que *os naturaes da India & de outras partes os mandam pedir a Portugal & lhos mandam por mercadorias.* E não he de espantar fazerem os Portugueses tanto caso de baxella de simplez barro para beberem, porque (como delles screve Strabão) sam naturalmente bebedores de agoa, e por isso buscão vasos da terra para que sempre lhes pareça que bebem na mesma fonte [68].

O tradutor arredonda e explana os períodos mais toscos do orijinal encarecendo sobre-maneira as exceléncias das arjilas portuguesas.

Est siquidem in Lusitania tanta tamque varia pro locorum diversitate, ut non immerito, quae ex ea fiunt potoria, argenteis & aureis suo in munere praeferantur. Fiunt autem vasa aquaria tenuibus ita ramusculis eadem ex argilla appensis undique inumbrata, & delicatissimis effigiata imagunculis, ut plus in cera mollissima delicatiores manus non effingant, in omnia scilicet cretae se accommodante natura. Alios inter qui in Lusitania fiunt urceolos, primatum tenent Olysipponenses ob suavissimum odorem, quem potantibus emittunt.

---

[67] Vasos-de-beber-agua, de metal, não eram do gosto dos peninsulares. Terra ou ouro: *aut Caesar aut nihil.* Mme d'Aulnoy, admirada da abundante e luxuosa baixela dos Grandes de Hespanha, não se esqueceu de assentar esse traço nas suas Cartas. Vid. *Relation,* II, 173 da ed. de 1705. Para vinho é que havia picheis de estanho e para ir ao lume olas de cobre, em casa dos remediados.

[68] *Descripção do reino de Portugal,* cap. XXIII, p. 109 da ed. de 1785.

Ab iis secundi Monte Maiore Transtagano in oppido efficiuntur, neque nativo cedunt odore Olysipponensibus; illum siquidem recentem non amittunt, quod artificum potius operae tribuendum. Solent illi cretam dilutam lapidulis quibusdam commiscere, qui argillae crassitudine operti intus latitant aliqui, alii sparsi undique foris promicant, cum vero ex consuetudine, & usu frequenti sordescunt, urcei lapidibus perfricantur & recentem denuo colorem indicant, nec non novi se produnt lapiduli, qui recenti cum decore novum identidem praestant odorem.

In oppido Sardoal aliud est, idque crassius cretae genus, quod grandioribus etiam lapidulis involutum in vasa similiter efformatur, neque ea aquae excipiendae parum commoda, ob maiusculos enim immixtos lapides vas redditur in morem spongiae salebrosum, & in cavernulas aqua demissa pumicosas facilius frigescit*. His perquam similia fiunt in oppido Oliventia. Averii argilla ob naturae insitum purpurissum & figulorem artificium, est valde celebris. In oppido Columbario eiusdem artificii efficiuntur similiter quam plurima [69].

Consulto, & excomposito argillam toto pene orbe commendatissimam, loco ultimo reservavi. Est illa ad oppidum Estremotium colore, tenuitate, & odore suavissimo paucis (si aliquibus) conferenda; quin imo recentes inde urcei, non odore tantum, sed sapore etiam commendantur. Neque alibi figulorum ars magis desudat in elaborandis, etiam praestanti materia utensilibus, quae non minus usui, quam luxui, delitiis, inserviant & elegantiae. Illic enim eodem videbis in potorio (apprime adeo expolito, ut vitrum tersius non appareat) spiris implicitos dracones, subnatantes pisciculos, ranulas apertis rictibus spirantes, & varia artis ludibria aquatilibus illusa animalculis, albis scrupulis sunt alia veluti arenulis interpuncta, & albo incrustata lapide, quo illisa aqua & resiliens effervescit, ut fontem manu, & urceum te existimes sustinere. Quocirca se possunt merito iactare Lusitani, se aquam delicatam maxime & salubrem potoriis ebibere iucundissimis, quae a remotissimis totius orbis regionibus venalia perquiruntur, ut singulis annis ex India, & aliis ubi noscuntur, provinciis videmus appeti. Neque mirari quisquam debet Lusitanos argillam & vasa testea tanti facere, cum reliquas inter orbis nationes

---

[69] Acrecento do tradutor.

appellet Strabo Lusitaniam aquae bibacem, idcirco enim ex terra fictilia diligunt vasa, ut bibentes nativo videantur ex fonte aquam bibere[70].

Para que resalte clara a continuação da fama dos púcaros, primeiro dos de Montemór, que haviam desbancado os de Évora, depois dos de Estremoz e em seguida a dos de Lisboa, por causa do aparecimento na capital de um artista hábil que fez valer os seus produtos individuaes, vou agora apresentar mais tres testemunhos escolhidos, dois de princípios, o último de meado do século XVIII. O Padre Carvalho elojia na sua *Corografia Portugueza* os barros tradicionaes, dizendo dos de Montemór:

... saõ muy celebrados seus búcaros de barro, semeado de pedrinhas brancas[71].

Com maior entusiasmo fala dos de Estremoz:

... tem grande trato de pannos e fábrica de odoríferos púcaros e vasos de barro, feitos de artificiosas e engenhosas formas, muy celebradas em todo o reino[72].

Mais explícito é o erudito médico de D. João V Francisco da Fonseca Henriques no seu *Aqui-legio medicinal* — que pelo nome não perca — obra em que se dá notícia «das águas de caldas, fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do reino de Portugal, dignos de particular memória».

---

[70] *Descriptio regni lusitani*, ed. de 1621: *Argillae diversa genera.*

[71] Ed. 1708, vol. II, p. 431.

[72] *Ibid.*, p. 444. O autor conhecia telha e louça do Prado, i. é do centro mais importante de fabrico de barros toscos no norte de Portugal. Afirmando que era vendida em toda a província de Entre Doiro e Minho, acrecentava que era ordinária *(ibid.*, p. 247).

A respeito dos púcaros de Estremoz, dá as informações seguintes:

«Entre tantas fontes bem se podem admitir alguns *pucaros;* e não terá grande impropriedade que, depoys de havermos dado noticia das excellentes agoas de Estremoz, nos lembremos dos seus preciosos *pucaros,* bem conhecidos, não só na Provincia do Alentejo, e em todo Portugal, mas em Castella, em Italia, e em outros Reynos para onde os levão, em que são justamente estimados; porque alêm de serem *bezoarticos* excedem á fermosura do cristal, senão na brancura, no gosto que dão á agoa, que por elles se bebe; lizongeando igualmente o oflato [*sic*] com o agradavel cheyro do barro que, sem diligencia nem artificio, he aromatico. Os pucaros pela cor rubra, e pela sua boa forma são apraziveys aos olhos; com que recreão a mayor parte dos sentidos externos, — até o tacto senctindo a tenacidade com que o barro por glutinoso se pega aos beyços; que se o pucaro for *pequeno,* ficará suspenso, e pendente delles! — O barro he de tal natureza, que do mays fino, não só se fazem *pucaros,* e *quartos* de boa forma, mas tambem *figuras* e *brincos,* que servem de adorno e compostura das casas, no que se tem apurado muyto o primor dos Artifices, com utilidade sua. — Mas não he isto que temos dito o que nos obrigou a fallar nestes pucaros, senão o querermos que se sayba que são *bezoarticos,* por haver virtude *alexipharmica* no barro de que elles se formão...» p. 207-211 da ed. de Lisboa, 1726.

O terceiro passo é de João Batista de Castro e está consignado no seu excelente *Mappa de Portugal.* Aos factos já divulgados pelo erudito médico como a virtude antitócsica dos barros, junta observações importantes sobre púcaros de Estremoz na Itália; e sobre púcaros de Lisboa, chamados *da Maya ou do Romão.*

Poucas terras levarão ventagem á nossa na producção dos barros finos, aptos para a fabrica de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro lugar o barro vermelho e odorífero de Estremoz de que se

fazem preciosos púcaros, os quaes não só tem a galanteria de ficarem prezos e pendurados nos beiços, quando por elles se bebe, mas tem a virtude *bezoártica* e *alexifármaca* com que se extenuão as qualidades do veneno, pelo que he bem merecida a estimação que em toda a parte logrão. Em Roma, no Museo do Padre Kirker e Bonani que se conserva no Collegio dos Padres Jesuitas os vimos com especial recato: e em muitos gabinetes de Monsenhores e Principes de Italia constituem não pequeno adorno. Depois d'estes seguem-se *os de Lisboa, chamados pucaros da Maia ou do Romão*, feitos com suma delicadeza e formosura, especialmente aquelles a que chamão « de aletria », de hum barro tambem odorífero, com os quaes lá lhe achou huma bella analogia o discreto Camões para comprar as formosas damas lisbonenses [73]. Os de Montemór-o-Novo, Sardoal, Aveiro e Pombal são fabricados de barros igualmente selectos, não sendo por desprezar a loiça de barro que se fabrica na Villa das Caldas [74].

Está claro que em obras dedicadas exclusivamente á capital, ha numerosas observações sobre olarias, mas como nenhuma encerre pormenores inéditos, deixo-as de lado [75].

---

[73] Não ha meio de saber se o poeta pensava, de facto, em pucarinhos em Lisboa, ou como Moraes nos de Estremoz.

[74] É a referência mais antiga ás olarias das Caldas que posso apontar. Certo parece todavia que umas jarrinhas, em poder do célebre reformador da indústria cerámica da localidade, são da época de D. Leonor, fundadora do hospício. Cfr. Joaquim de Vasconcelos, *A fábrica das Faianças das Caldas da Rainha*, 1891, e José Queiroz.

[75] Na *Archeologia Artística*, de Joaquim de Vasconcelos, vol. VI (*Francisco de Hollanda*), ha uma lista das obras principais que tratam de Lisboa. Damião de Goes ligou importáncia apenas às porcelanas da China. Cristóvam Rodriguez de Oliveira calculava (a. 1551) em 206 os fabricantes de louça de barro. Um anónimo coevo regista setenta fornos-tendas e dez de loiça-vidrada. O Padre Duarte de Sande, que descreveu a cidade por ocasião da vinda da primeira embaixada japonesa,

*

O que não deve ficar sem comentário é o facto de J. B. de Castro, iniciador neste ponto, ter identificado (em 1745) *os púcaros da Maia com os de Lisboa*, exactamente como Magalotti. Anterior a ele conheço apenas o Marquês de Niza o qual, querendo obsequiar o seu correspondente, D. Vicente Nogueira, enviava-lhe em 1649 entre outras ofertas, um caixote com púcaros de Estremoz e da Maia. O único especialista que modernamente se ocupou, do ponto de vista cerámico, d'esses artefactos, outr'ora tão afamados,

---

fala do bairro inteiro de oleiros (*As Olarias*) que se estendia ao sopé do cabeço de S. Gens em que está Nossa Senhora do Monte. Em 1619, na entrada solene de Felipe III, os mestres reunidos documentaram o adiantamento da sua arte num arco triunfal majestoso. Já então se exportavam por mar muitas barcas de louça fina, chamada «porcelana da que se faz em Lisboa» contrafeita da China. No ano imediato Nicolau d'Oliveira registava no *Livro das Grandezas de Lisboa*, alêm de 2 fornos de vidro, 8 de loiça vidrada, 13 d'azulejos, 10 de tijolos e telhas, 28 de uma especialidade denominada *loiça de Veneza*, e 49 de loiça de barro vermelho. Nos Regimentos dos ofícios, reformados em 1572 por Duarte Núnez de Leão, e acrescentados até 1616, vem especificado o que deve fazer o oficial que queira ser examinado em *loiça vermelha*, em loiça verde, e em loiça branca de Talavera (ms. do Arquivo Municipal de Lisboa, explorado por Sousa Viterbo, a quem devo treslados importantes, e tambem por Freire de Oliveira, *Elementos*, etc., vol. V, 558, 560, 588). As imitações das faianças de Talavera datam portanto do último quartel do século XVI. Severim de Faria que em 1655 falava, nas *Noticias de Portugal*, da fundação da *primeira* fábrica lisbonense por um oleiro de Talavera *poucos anos há*, ignorava as tentativas anteriores (p. 20).

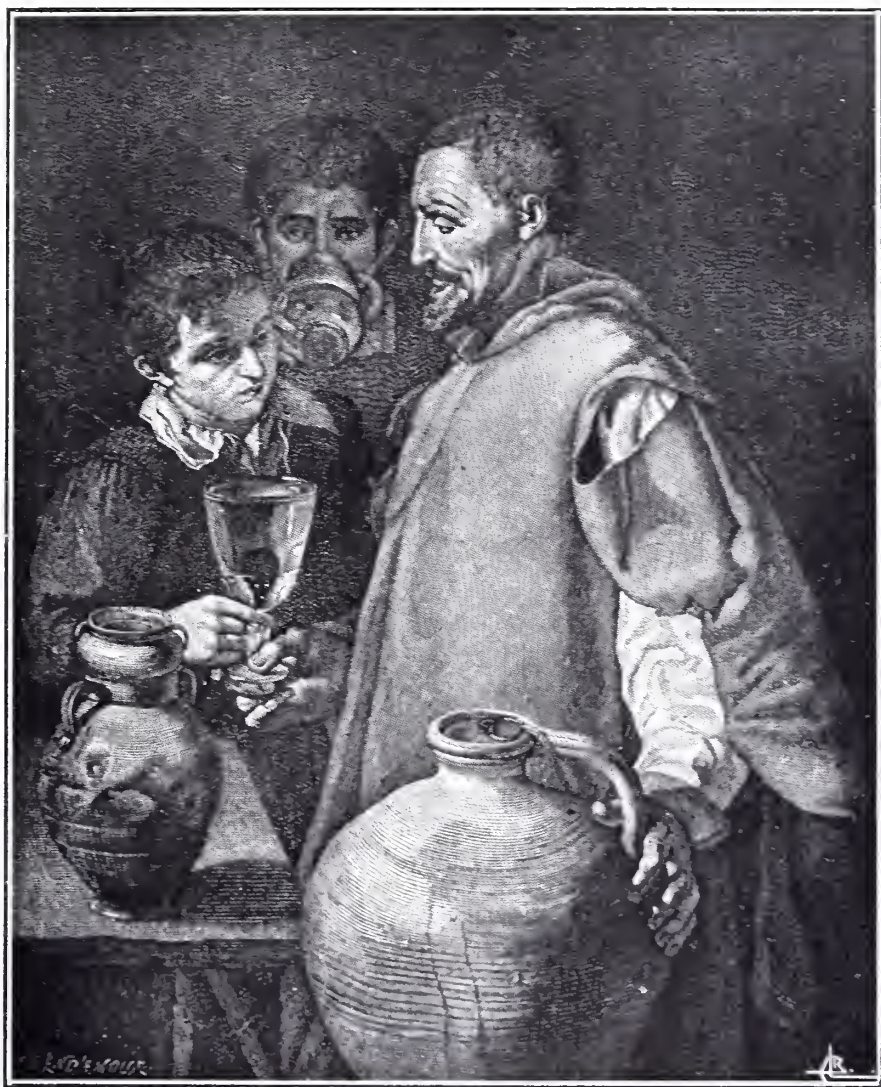
não aproveitou esses trechos. Apenas apontou[76] uma indicação coeva, na *Pauta do Consulado da Casa da India*, de 1744, e uma alusão numa comedia vulgar síncrona (1743)[77]. E como em ambas essas fontes os púcaros da Maia apareçam de mãos dadas com os de Estremoz, sem explicação ulterior, entendeu ser jeográfico o seu título. Imajinou procedência de uma rejião assim chamada no norte de Portugal[78], comquanto nada constasse da suposta notoriedade d'essa Maia como centro industrial, ántes ou depois do momento indicado[79]. No primeiro esboço d'este estudo eu defendia a mesma

---

[76] Joaquim de Vasconcelos, *Cerámica Portuguesa*, II, p. 38, nota 2.ª. Vid. Ramos Coelho no *Occidente* de 1903 (20 de Outubro).

[77] O lance respectivo diz: *Pucaros de Estremoz ou da maia;* a comédia de cordel, de que existe um exemplar na Biblioteca da Ajuda, entitula-se: *Com o amor não ha zombar.*

[78] O lugar da Maia fica a um kilómetro ao norte do Porto. O nome havia designado contudo em tempos antigos a região inteira de Entre Doiro e Lima, e posteriormente a de Entre Doiro e Ave. Vid. Carvalho, *Corografia*, t. I, p. 360.

[79] De balde tentei descubrir aí vestíjios de olarias. O lugar de Vila Nova da Telha nunca teve notoriedade. O de Prado, perto de Braga, que dava nome a todo o vasilhame rústico fabricado nos distritos de Braga, Barcelos e Vilaverde (entre Cávado e Ave) nunca primou em púcaros porosos. A única especialidade aí cultivada no século XVI parece ter sido a de figurinhas representando tipos populares, estatuaria hoje continuada com primor no Porto e em Vila Nova de Gaia. — Um dito célebre de Frei Bartolomeu dos Mártires, memorado por seu biógrafo, não deve faltar aqui. É o caso que no Concílio de Trento, o santo arcebispo, aludindo á venalidade carnal dos eclesiásticos, exclamou naquele tom de sinceridade joco-séria que é distintivo dos Portugueses: « Só em Prado conheço os que não pecam. Mas êsses são de barro. Se Vossa Santidade os quiser, para cá lhe mando alguns. » O que final-

DIEGO VELASQUEZ

O AGUADEIRO DE SEVILHA

opinião, comparando tambem púcaros da Maia com púcaros d'Estremoz, púcaros de Lisboa, e outras designações semelhantes[80], mas á vista da harmonia entre os assentos de Magalotti, que vê no nome *da Maia* o de um oleiro — *un artefice di questo nome* — e os de Castro, que aplica aos *púcaros de Lisboa ou da Maia* a terceira marca de *púcaros do Romão*, como quem os conhecia de perto, não ha, porém, que hesitar.

Os vários elojios dispensados em comédias e novelas castelhanas, no primeiro terço do século XXII, a *barros* ou *búcaros de la Maya,* provam a sua antiguidade, desconhecida embora em Portugal. Os jazigos da «bemaventurada e paradisíaca» terra de que eram feitas as espécies apelidadas «de aletria», as de cambraia, d'olanda, de filigrana, de palha, de herva, etc., gabadas por Lope, Tirso, Quevedo, Argensola, Calderon, e mais tarde por Magalotti, não os podemos procurar de modo algum além do Douro, mas sim no próprio «monte» da capital, no sítio das *Olarias* meio-

---

mente mandou vir de Portugal, não foram todavia figurinhas de barro tosco, mas loiças preciosas da India. Ele, servia-se de modestíssimas imitações: «Junto da cabeceira no chão um vaso d'agua que era hũa escudella branca ordinaria de Talavera» (Fr. Luis de Sousa). Cf. Rocha Peixoto, *As Olarias do Prado,* em *Portugalia,* I, p. 227 ss. Não devemos confundir as estatuetas populares com as artísticas a que aludi. — Modernamente ganharam fama de finos e porosos os púcaros pretos de Vilar de Nantes (concelho de Chaves) em que os freqùentadores das Pedras Salgadas costumam saborear a agua.

[80] Cf. Armas de Milão, esteiras do Algarve, mantas do Alemtejo, tanhos de Santarem, porcelanas da India, copos de Málaga, alcarrazas de Zamora, louça das Caldas, louça do Prado, de Sacavem, de Talavera, de Sevilha, de Triana.

mouriscas[81] onde, segundo o testemunho do Padre Duarte de Sande, já em 1584 se trabalhava «com muita perfeição loiça de barro, por ser o de Lisboa muito bom para taes obras»[82].

A confirmar os ditos dos estranjeiros, apurei o testemunho de pelo menos um português contemporáneo: o grande polígrafo D. Francisco Manoel de Mello, cujas obras lijeiras são um manancial abundante de notícias folklóricas. Este menciona a extrema leveza e frajilidade dos barros da Maia juntamente com a finura dos de Estremoz, e refere-se á bùcarofajia, na sua *Feira dos Anexins*. Um amante desprezado, falando de amores passados e da extrema delicadeza da sua galantaria, diz no estilo de Moraes e Camões:

... e eu (que fui *barro de Stremoz*, por onde a sua esquivança bebia finezas, e tão fino que só depois de ter terra nos olhos deixaria de querer-lhe) havia de experimentar *fragilidades de barro da Maia* em sua firmeza? Se lhe desse em *comer barro*, de qual podia gostar melhor que de mim[83]?

Ha mais e melhor, porém. Se a moda de *comer barro*

---

[81] Entre os ofícios mecánicos preferidos pelos orientaes, o de oleiro era o principal.

[82] *De Missione Legatorum Iaponensium*, 1590, vertido para português no *Archivo Pitoresco*, VI, p. 92. Relativas às Olarias antigas de Lisboa (Monte de S. Gens, Rua da Bombarda, Calçada do forno de tijolo etc) ha indicações valiosas num artigo de Pedro A. de Azevedo, *Topographia Historica de Lisboa: Do Areeiro à Mouraria*, publicado no *Archeólogo Português*, vol. V, 212 ss 269 ss.

Debalde procurei nos livros de ceramica, citados no princípio deste Estudo, novos esclarecimentos a esse respeito.

[83] Parte II, Dialogo 6: *Da Terra*. No Dialogo *Da Agua* onde procurei primeiro, não encontrei coisa alguma.

entrou tarde na última Thule e nunca tomou grande desenvolvimento, conservou-se por bastante tempo na capital, ligada aparentemente aos mimos de barro que saíam da oficina do Romão. Uma breve citação dos púcaros da Maia, ao par das tradicionais esteiras do Algarve, numa comédia de cordel, impressa em 1786, tem valor apenas pela data[84]. Outra, longa, que vou reproduzir — quási ilegível por causa do estilo difuso — contêm, alêm de vários pormenores, não para desprezar para quem pretende instruir-se nos usos e costumes dos Portugueses na aurora do século XIX, um traço altamente característico e elucidativo: o de os próprios camaristas da côrte terem recebido, ao entrar de semana, um certo número de quartas e púcaros *da Maia*, acompanhados de doces refrescantes. Certamente não como meros símbolos tradicionais, mas sim para com êles desalterarem a sua muito positiva sede. Eis o que um português teimoso, Francisco de Figueiredo, editor benemérito do *Theatro* de seu irmão Manoel, diz no raríssimo volume XIV, em que toma a palavra como comentador, falando de *omnibus et quibusdam aliis* num acervo de notícias, de cujo feitio estrambótico dão ideia os títulos de «tumores», «sensaborias amontoadas» e «melancolias entretidas» com que êle mesmo as classifica[85].

Primeiro relata no texto quais eram nas famílias bem situadas as funções das quartinhas e dos púcaros *da maia* (*sic*, com *m* minúsculo aqui e sempre). Depois dedica uma

---

[84] *Palestra de duas vezinhas acerca dos dezestrados fins de seus dotes em poder de seus perdularios maridos* (Lisboa, 1786). Pertence a uma colecção de folhas volantes guardada na Biblioteca da Ajuda, da qual faz parte a comedia àcima citada.

[85] Vid. Innocêncio da Silva, *Diccionario Bibliographico*, II, 366 e.

nota extensa ao *Romão,* na qual intercala anecdotas sobre vários outros tipos lisboetas.

Huma *quartinha da Maia,* já cheia de agoa, cozida com raiz de escorcioneira, [e] esta mesma raiz cuberta [sc. de assucar] era o doce especifico para os doentes, e a marmelada (na sua falta): sobre huma meza ao pé huma salva de prata, vidro, ou prato da Indía, em que se punha emborcado hum *pucaro dos do Romão,* quem o não tinha, de prata [86]...

Foi hum raro, e he ainda hoje, de quem possuimos estas quartinhas, a que se chamão *da Maia,* já adulteradas, para ter agoa, em quanto se não fazem velhas, a que nunca pude persuadir os Inglezes, pois só a querião em garrafas de crystal ou de vidro, brancas, que se quebravão a miudo, e os cópos. Foi hum oleiro que fazia huns púcaros muito delicados em differentes figuras, como cópos, de huma massa tão delgada como os bolos que se davão nas differentes festas dos santos fora da terra, quando se usava tambem o ramalhete com as flores da estação, e as maravalhas; e erão feitos como as bandejas de prata com figuras levantadas em meio relevo; hum cheiro muito agradavel. Quando se lhe deitava a agoa, espirrava, conhecendo-se-lhe huma frescura indizivel quando se bebia. Durava pouco o seu grande merecimento; em se bebendo algumas vezes por elles fazião-se velhos, perdião a côr e a graça, como sucede ás quartas. Era huma cousa de luxo, de gosto e de delicadeza. Erão muito baratos, e foi até muito tarde constante no Paço o uso deste barro e dos limões doces e camoezes. Todas as personagens que entravão de semana no sabbado tinhão tantas quartas e púcaros do Romão. Era cousa muito agradavel e tão saborosa que muitas mulheres não acabavão de beber sem trincarem o barro e comerem: a tanto chega a extravagancia das senhoras, como dizia o célebre Preto Manoel de Passos... [87].

A casa do Romão, segundo a minha lembrança, era subindo a calçada

---

[86] *Tumor XI,* p. 33.

[87] Suprimo aqui um curioso *excurso* relativo ao preto janota, Manoel dos Passos.

de Agostinho Carvalho á Bombarda, logo a esquerda poucas portas. Este homem devia ganhar dinheiro proporcionalmente. Os púcaros devião ser feitos por formas, tinhão consumo, era moda e luxo: hoje paninho, indispensavel filó. As mulheres, digo as senhoras porcas, morrião por *comer barro*, e caliça etc., etc. Por não receberem ar novo a miudo e não fazerem exercicio, por se constiparem tirando as roupas de baeta, os bajús e as grandes çapas e capotes ao domimgo. hoje morrem esfalfadas por não cançarem nunca, por andarem núas nem sentirem frio, que he chança [88].

*

Quartinhas, i. é cantarinhas de ter agua; púcaros servindo de copos que eram uma delícia em novos; barro delgado a ponto tal que a água, àvidamente absorvida, parecia ferver quando deitada pela primeira vez; perfume agradável e um gosto que incitava as damas a trincar essa terra, e talvez tambem os senhores camaristas, a pesar dos limões doces e das camoesas com que eram mimoseados. Imitações aperfeiçoadas, de luxo, do vasilhame de Estremoz, para aficionados ricos, que não se importavam com a sua extrema frajilidade e rápida decomposição.

Vimos que Duarte Núnez e o Padre António de Vasconcelos conheciam barros de Lisboa, cheirosos e saborosos [89], mas não os distinguiam com a denominação que nos ocupa. Se, pelo contrário, Lope de Vega a conhecia, e apreciava *búcaros* ou *barros de la Maia*, é seguro que essa lhes fôra

---

[88] P. 520. Segue sem interrupção uma nota sobre outro Romão, toureiro de ofício.

[89] *Sabor* pode referir-se ao próprio barro, mas tambem á agua, nos dizeres de ambos.

dada antes de 1635, data do seu falecimento[90]. Portanto, se for certa a explicação de tres testemunhas tão independentes como Mello, Figueiredo e Magalotti, que não se copiaram, houve não um único oleiro Maia, mas jerações de Maias que cultivaram a mesma especialidade, de 1600 e tantos até 1800[91]? Até aqui nada de impossível. Ha mesmo uma coïncidéncia a favor da hipótese. O *Romão* que Figueiredo nos apresenta, vivia ao lado norteoriental da cidade, na antiga freguesia de Nossa Senhora do Monte, i. é no bairro tradicional dos oleiros semi-mouriscos, na calçada de Agostinho Carvalho, á Bombarda, subindo logo á esquerda. Aí mesmo ainda existia em 1849 uma olaria de certo Domingos Maia[92] que posteriormente passou ao lado fronteiro, no meio da calçada, desaparecendo só depois de 1885. Digo que desapareceu, por não encontrar o seu nome no Almanaque de Lisboa de 1903 e 1904. Mas não o verifiquei *in loco*[93].

---

[90] A *Dorotea* do *Fénix de España,* na qual se acham as referéncias, foi publicada em 1632. Creio, porém, que foi escrita muito antes de 1600.

[91] Manoel de Figueiredo viveu de 1725 a 1801, Francisco de 1738 a 1822. Não se entende bem se no acto de este redijir a nota, o oleiro Romão ainda estava vivo. Parece que sim; mas tambem que a moda dos púcaros havia decaido, de velha e adulterada, substituida pelo gosto de vidros e cristaes.

[92] Nesse ano um poço, substituido hoje por uma bomba, indicava apenas de onde viera em tempos antigos a água necessária para a indústria oleira. Quem nos ministra estes pormenores é o fidelissimo historiador da *Lisboa Antiga*, vol. III, p. 32, já citado duas vezes.

[93] Graças á dedicação do amigo mencionado mais abaixo, sei agora que a olaria de Domingos Maia, pertencente em 1815 a Magdalena Martinz, a qual morreu sem deixar filhos, passou a ser a *Fábrica da Calçada,* e que o actual proprietário se chama João Felix Caldas.

Um forte senão infirma todavia opinião tão bem cimentada. Se os fabricantes que deram nome e renome aos púcaros de Lisboa se chamavam e assinavam *X.X. Maia* ou *da Maia* [94], a lójica exijiria que o povo tratasse os seus artefactos não de púcaros ou barros *da Maia*, mas antes de púcaros e barros *do Maia* ou *dos Maias*. Como resolver o problema? Não o sei. Aventuro todavia uma suposição.

As loiças de barro eram vendidas por mulheres [95]. Mulheres exerciam o mester de *raspar* ou *roçar* púcaros quando o uso os havia deslustrado [96]. Essas mulheres eram, com certeza mais de uma vez da família dos próprios barristas. As mais hábeis até serviriam no inverno de ajudantas nas oficinas de modelájem. Cinjindo-me a um costume nacional, ainda hoje em vigor, imajino que uma linda e habilidosa mulher da tribu dos oleiros Maias, mãe ou avó do Romão, portadora do seu nome com dobrada razão por ser «garrida como uma Maia» [97] ou bela como uma *maja*

---

[94] Ambos os apelidos são freqüentes em Portugal. Entre os que pelas suas obras ganharam celebridade, lembrarei apenas o brigadeiro Manuel da Maia, delineador do aqueducto das Aguas Livres (1729-1749).

[95] Todas as estatísticas o provam. O já citado Christóvam Rodríguez de Oliveira refere, a p. 117 do seu *Summario*, que Lisboa contava no seu tempo 204 vendedeiras de loiça, além de 15 que vendiam vidro.

[96] Umas treze viviam d'esse mester. Ao leitor que não esteja inteirado da parte que religiosas castelhanas tinham na confecção de búcaros direi que em Madrid, carmelitas do convento da Baronesa adereçavam os *comales* mexicanos deteriorados pela viajem maritima; e que em Santiago de Chile outras alisavam, perfumavam, coloriam ou ornamentavam com aplicações de ouro e prata os barros de lá.

[97] Todo o mundo sabe o que são *maias*: raparigas do povo que ricamente vestidas com enfeites, joias e flores figuram no mes das virgens e

andaluza,[98] enfeitaria a capricho pucarinhos e cantarinhos e os venderia, aos fregueses, encarecendo com ditos engraçados e jentis meneios os méritos da última fornada, mostrando rosto alegre não só aos «reposteiros» do paço real e aos «peraltas» do Chiado, mas tambem aos escudeiros da Baixa e ás regateiras de Alfama. Vejam lá: fulana Maia, linda como uma virjinal Rainha-Maia a vender barros tão floridos e platerescos como as árvores-maias, e isso particularmente na entrada do calor e saida da primavera, no decantadíssimo

> mes de mayo, mes de mayo,
> cuando las récias calores,
> cuando los toros son bravos,
> los caballos corredores,
> cuando los enamorados
> regalan a sus amores [99].

As quartinhas [100] e os púcaros ou barros da Maia emparelhariam, se acertei, com o pão-trigo da Caruncha, os pasteis e os raminhos da Conceição, os pêssegos da Manca ou da Mota, e tantas outras coisinhas, bem recebidas do público

---

da Virgem, antigamente dedicado a Venus e Baco, como rainhas de festas primaveris que são continuação das antigas *Florálias*. Vid. *Cancioneiro da Ajuda, Investigações*, § 414.

[98] Na obra citada na nota anterior indico que *maja* é, a meu ver, pronuncia andaluza de *maia*.

[99] Var. de: *van a servir sus amores*.

[100] As quartas ou quartinhas — assim chamadas por levarem a quarta parte do pote de seis canadas — serviam para mulheres, quási sempre negras, venderem água nas ruas da capital. Talvez com o grito penetrante de *a-ú* que todos temos ouvido tantíssima vez nas ruas de Lisboa a galegos que as substituiram no século XIX.

por lhe serem apresentadas de modo gracioso por mãos de fadas, dignas de aneis, como lá diz o povo.

Não esqueço que na província é costume dar á pequenada no primeiro de maio (dia de Santiago e S. Felipe) pucarinhos, cheios de améndoas, castanhas piladas ou outras gulodices, próprias da estação, pucarinhos que irmanam com os do Natal e tambem com os bolos de Todos-os-Santos, se interpreto bem os dizeres de Figueiredo. Mas isso não explica o título *da Maia.*

*

Com respeito não só a púcaros usados em Hespanha, quer importados de Portugal ou das Indias, quer imitados em centros cerámicos como Talavera e Ciudad Rodrigo, mas tambem a exemplares levados como curiosidades dignas de apreço á Flandres e á Austria, á França e Itália, ora por portugueses e castelhanos, ora por viajantes estranjeiros como M^me^ d'Aulnoy e Magalotti, ou como boa mercancia ao Ultramar, posso aduzir tres ou quatro nótulas respigadas ao acaso, que em nada modificam a argumentação de Morel-Fatio.

Na História de Talavera de Fr. Andrés de Torrejon [101] por ele extractada, e na posterior do Padre Alfonso de Aljofrin [102] que Riaño aproveitou, são dignos de atenção, para esses fins, não sòmente os dizeres sobre perfumes propositadamente envolvidos na massa dos barros fabricados naquele importante centro cerámico, com o fim evidente de lisonjear o

[101] Bibl. Nac. de Madrid, F. 142.

[102] *Ibid.*, G. 112.

apetite das gulosas e de fomentar a bùcarofajia, mas tambem o emprego dos vocábulos *brinquiños* e *búcaros* (no último terço do século XVI). Acho igualmente curiosas as indicações sobre elementos populares nas formas e na ornamentação do vasilhame, quer tosco, quer vidrado, tirados da fauna e flora nacional, por causa da evidente semelhança com a actual loiça das Caldas da Rainha e com os púcaros de Estremoz, que Moraes nos mostrou já envelhecidos e renovados antes de 1573 nas mãos de regateiras de Lisbôa [103].

A moda de os *galanes* de Madrid terem presenteado damas da sua afeição com *búcaros* é abonada por um anónimo num soneto a certa dama que, diferente da de Lope, aceitava e pedia « *barros de Lisboa ... sino dinero* » [104]. Basta caracterizar a tendéncia pelos dois versos iniciais:

Entendi que tomabas el acero,
Y veo que mejor tomas el oro.

M^me^ d'Aulnoy, essa notou um modo extravagante de em-

---

[103] Vid. Riaño, p. 170 e 171: « Red porous clay vases and drinking cups are baked in two other kilns, in a thousand different shapes in mitation of birds and other animals, also *brinquiños* for the use of liadies, so deliciously flavoured that after drinking the water they con tained, they eat the cup in which it was brought them ». — « Vases, cups, *bucaros* and *brinquiños* are made of different kinds, dishes and table centres, and imitations of snails, owls, dogs and every kind of fruits, olives and almonds » (a. 1568.) — « The red pottery made at Talavera is much to be commended, for besides the great variety of objects which they make, the different medals which they place upon them, they have invented some small *brinquiños* of so small and delicate a kind, that the ladies wear them. »

[104] Vid. Gallardo, *Ensayo*, n.º 1052: *Cancioneiro do sec. XVII.*

pregar búcaros. Numa casa de campo a seis leguas de Madrid[105], mostraram-lhe o retrato de uma jovem Infanta de Portugal[106] sobre cujo enorme guarda-infante pousavam cestinhos com flores e, em lugar de *bonbonnières*, varios bucaritos, certamente para que a princezinha pudesse satisfazer, durante as sessões concedidas a algum émulo de Velazquez, a sua paixão por cheiros naturaes e pelas gulodices viciosas da moda[107].

Reminiscéncias da bizarra e selvajem bùcaromania do duque de Montalto persistiram em Madrid pelo menos até meado do século XIX. Segundo informações de viajantes como Theófilo Gautier, ainda havia em 1845 em casas particulares gabinetes baixos, sombrios e húmidos, destinados a servirem de *buen-retiro*, refrescado pela evaporação de *búcaros* americanos ou pseudo-americanos.

Quand on veut se servir des bucaros, on en place sept ou huit sur le marbre des guéridons ou des encoignures, on les remplit d'eau et on va s'asseoir sur un canapé pour attendre qu'ils produisent leur effet et pour en savourer le plaisir avec le recueillement convenable. L'argile prend alors une teinte plus foncée, l'eau pénètre ses pores et les bucaros ne tardent pas à entrer en sueur et a répandre un parfum qui ressemble à l'odeur du plâtre mouillé ou d'une cave humide que l'on n'aurait pas ouverte depuis longtemps. Cette transpiration des bucaros est tellement

---

105 A esposa do proprietário fôra criada em Lisboa. É a ela que a viajante deve as notícias sobre coisas de Portugal contidas na sua obra.

106 Filha de D. Pedro II?

107 *Relation*, II, 102. « Elle avoit les cheveux coupez et frisez comme une perruque d'abbé et un guard-infant si grand qu'il avoit dessus deux corbeilles avec des fleurs et de petits vases de terre sigelée dont on mange beaucoup en Portugal et en Espagne, bien que ce soit une terre qui n'a que très peu de goût. »

abondante qu'au bout d'une heure la moitié de l'eau s'est évaporée; celle qui reste dans le vase est froide comme la glace et a contracté un goût de puis et de citerne assez nauséabond, mais qui est délicieux pour les aficionados. Une demi-douzaine de bucaros suffit pour imprégner l'air d'un boudoir d'une telle humidité qu'elle vous saisit en entrant; c'est une espèce de bain de vapeur à froid. Non contents d'en humer le parfum, d'en boire l'eau, quelques personnes mâchent de petits fragments de bucaros, les réduisent en poudre et finissent par les avaler [108].

A arte de perfumá-los parece que já então não subsistia.

Com relação ao suposto americanismo ou indianismo julguei dever recorrer pelo menos a um dos mais acreditados historiadores do Novo-Mundo. Como todos os outros, D. Antonio Solis utiliza na *Conquista de Mexico* bastantes termos dos idiomas indíjenas do Yucatan e México. E embora no seu tempo eles já houvessem adquirido fóros de vernaculidade na língua castelhana, não o faz sem os autenticar prèviamente por fórmulas como: *que llaman — que en aquella tierra se llamaban — que alli se llamaba — que en su lengua se llamaba — que en su lengua significaba*, etc., Assim procedeu p. ex. com relação ás canoas-*piraguas* (livro I, c. 21), ás canoas-*acales* (III, 13), ás esteiras-*petates*

---

[108] *Voyage en Espagne*, cap. VIII (p. 107 da ed. de 1865). «Les bucaros sont des espèces de pots en terre rouge d'Amérique, assez semblable à celle dont on fait les cheminées des pipes turques; il y en a de toutes formes et de toutes grandeurs, quelques-uns sont relevés de filets de dorure et semés de fleurs grossièrement peintes. Comme on n'en fabrique plus en Amérique, les bucaros commencent à devenir rares, et dans quelques années seront introuvables et fabuleux comme le vieux Sèvres; alors tout le monde en aura.» Cf. a p. 105, as palavras entusiásticas sôbre algumas *jarras* hespanholas de puríssimo gosto popular.

(II, 2), aos carregadores-*tamenes* (II, 9)[109]. Ao falar do vasilhame de barro, descrevendo uma das feiras celebradas no bairro popular de Tlatelulco, onde acudiam mercadores de todo o império de Motezuma, emprega porém o vocábulo *búcaros* sem explicação alguma[110], dando-nos d'este modo a quási-certeza de que os companheiros de Fernão Cortês estavam familiarizados com búcaros europeus, quando em 1519 pisaram pela primeira vez o solo do México. Mais de um Madrileno exclamaria ¡ *ay que lindos bucaritos!* ao avistar barros vermelhos e pretos, semelhantes aos de que se haviam servido desde criança nos lares pátrios.

Eran muy de reparar los búcaros e hechuras esquisitas de finísimo barro que traian a vender — (provavelmente oleiros de Natá e Guadalaxara) — diverso en el color y en la fragrancia, de que labraban con primor estraordinario cuantas piezas e vasijas son necesarias para el servicio y el adorno de una casa, porque no usaban de oro ni de plata en sus bajillas — profusion que solo era permitida en la mesa real, y esto en dias señalados[111].

O nome *comal*, indicado em nota como equivalente mexicano de búcaro[112], não poderá todavia servir de argumento decisivo, sem exame ulterior.

---

[109] Cf. livro II, c. 3; III, c. 12, 13, 15, onde explica o nome de Motezuma, o do deus Teules, as danças mitotes, o ídolo Viztcilipuztli.

[110] Livro III, c 13. Solis remete o leitor a Herrera na sua *Historia general de las Indias*, obra que não pude consultar.

[111] No livro III, c. 15, Solis fala de vasos de ouro, de cocos e conchas naturaes, luxuosamente guarnecidas, que apareceram no primeiro banquete solene dado a Cortês.

[112] Isso na ed. de Revilla (Paris, 1858, a p. 206) de que me sirvo. Na realidade, *comatli* talvez designasse o vasilhame de barro em jeral; e depois uma espécie de prato. Os dicionários modernos rejistam apenas

Na vasta literatura *portuguesa* relativa ás Indias orientaes, e ao Brasil, não posso até hoje apontar passo algum a respeito de barros, importados no reino. Só referéncias innúmeras ás porcelanas preciosas destinadas a princípio apenas para as mesas dos monarcas e vice-reis ou governadores da India. O que ocorre (p. ex. nas *Cartas* do grande Albuquerque)[113] é a palavra *poya* que serve para designar modernamente os pães de barro com que, em tres continentes, indijenas jeófagos ou bucarófagos costumavam e costumam enganar estómagos famintos, estragados por uma alimentação insuficiente, tanto no Congo como no Siam, na China e Java, nas Antilhas, no México, na Guyana e Venezuela e no Brasil. Parece-me todavia que tambem este vocábulo é de orijem hispano-portuguesa, não podendo de modo algum provar contájio de povos extra-europeus nos conquistadores[114].

---

o sentido restrito de *disco muito delgado e com bordos que se usa no México para tortilhas de maiz.*

[113] Vol. I, p. 161.

[114] *Poia* ou *poya* (em *fornos de p.; pão de p.*) designava antigamente em ambos os paises uma contribuição paga em pão por quem cozia em forno alheio, quer de senhor particular, quer de uma comunidade (vid. *Elucidario*, s. v. *poyo* e *Dicc. Acad.:* « derecho pago en pan en el horno commun »). Em Portugal, a linguajem do povo deu a *poia* tres empregos derivados: o de bolo grande e chato, feito orijinàriamente para o fim indicado, e mais tarde para presentear alguém; o de bolo chato e grande, bem feito e formoso; e figuradamente, por tambem ser grande e chata, a bosta do gado vacum (*Kuh-Fladen*). Desconheço o motivo por que o fem. de *podio* (*podium*) tomou o sentido indicado. Por ventura porque a oblata devia ser mais crescida do que o resto do pão? ou porque o forno comum, ou forno de aluguel, era mais alto do que os restantes?

*

A demonstração tem lacunas e defeitos sensíveis. Mas apesar d'isso creio, que avaliando os factos alegados e as descrições e alusões que coordenei, todo leitor ha de inferir a tese esboçada na primeira pájina d'este meu ensaio, ficando convencido de que os vasos-de-beber-água, de barro tosco, chamados *púcaros*, tanto na linguàjem oficial como na vulgar, « nasceram » espontaneamente no Portugal continental, muito antes que a era das conquistas tivesse relacionado a Europa com povos asiáticos e americanos, e mesmo antes de os filhos de D. João I haverem metido lança em Africa, tomando Ceuta. Creio que estarão igualmente dispostos a derivar d'esses púcaros-de-beber-água, os púcaros-caçoletes de Portugal e os *búcaros* aromáticos com que em Hespanha perfumavam quartos e de que comiam bocados. Acreditarão tambem que as diversas espécies, exportadas para a Itália, comunicaram alí o seu nome aos antigos vasos de Arrezzo por causa da semelhança notada pelos arqueólogos. Nem negarão que no Novo-Mundo as saudosas recordações dos primeiros Indiáticos que pisaram o solo do México transmitiram o mesmo título aos comales dos Aztecas e Maias (Natá e Guadalaxara) e em seguida aos de Quito, Perú, Chile e da Bahia, e a quantos mais encontravam além-mar.

Ninguem poderá contestar que a terra portuguesa seja abundante em jazigos de arjilas variadíssimas, em parte finas e muito plásticas, de que se fazia e faz vasilhame rústico de mil feitios e usos, de orijinalidade e multiplicidade de formas tal que um conhecedor como Jacquemart não

hesitou em dar a Portugal o título de «novo mundo da cerámica».

Igualmente incontestável é que entre os numerosos centros notáveis de olaria, os da região que vai de Leiria às Caldas da Rainha, e os de Évora e Estremoz primaram antigamente e ainda primam na actualidade sobre os outros, particularmente no fabrico de vasilhame poroso, destinado para provisões constantes ou efémeras de água e vinho: talhas de proporções avultadas [115], cántaros (potes ou infusas) de volume mediano [116]; púcaros relativamente pequenos [117] — todos esses tres tipos com muitas subdivisões e transições [118].

Incontestável é tambem que em especial os produtos da Estremadura e do Alemtejo [119], de Évora, Montemór, Estremoz, Lisboa ganharam sucessivamente notoriedade, suplantados no século XVIII por Caldas da Rainha com peças decorativas lindamente esmaltadas.

A causa desta superioridade deve estar na qualidade da matéria-prima e na longa convivéncia com mouros. Estes, artistas consumados e muito práticos em tudo quanto se

---

115 Ha-as de um metro e sessenta de altura, para vinho e cereaes. Antigamente houve exemplares muito maiores, com abertura cujo diametro media um metro.

116 Termo-médio, de seis canadas ou doze litros.

117 De dois litros para baixo.

118 Ha, como vimos, meios-cántaros e cantarinhas, quartas e quartinhas, meios-púcaros e pucarinhos.

119 Sardoal, Pombal, Olivença pertencem á mesma rejião. Aveiro e Viseu pertencem á Beira. No Algarve tambem ha barros excelentes, p. ex. em Loulé. São menos conhecidos todavia. Dos do norte (Viana e Prado) já falei.

refere a serviços de água [120], afinariam por ventura a habilidade técnica, fecundariam a fantasia e aumentariam o tino estético dos operários, já muito adiantados, de resto, pela romanização. O clima tórrido das charnecas alemtejanas e a falta de águas correntes, haviam levado os colonos latinos e porventura já os povos lusitanos a cuidarem com desvelo da confecção de vasos baratos, próprios para conduzir e conservar os dois líquidos restauradores, divinizados pelo povo [121], assim como azeite e cereaes [122]. Mais abaixo ve-

---

[120] Na lista dos principaes produtos da olaria rústica há muitos que pelo nome denunciam orijem árabe. P. ex., *albarrada, alcadefe, alcatruz, alguidar, aljofaina, almofia, almarraxa, atanor*. Em Hespanha creio que ha mais ainda (v. g. *alcarraza*). Ignoro se convém ligar importância ao facto que o oleiro conservou em Portugal exclusivamente o seu nome romano, ao passo que no país vizinho, sobretudo na Andaluzia, tambem se chama *alfarero*. As santas padroeiras de todos os barristas hispánicos, Santa Justa e Rufina, são, de resto, filhas de um alfarero de Triana.

[121] São um reflexo desse culto popular os Diálogos medievaes entre *Agua e Vinho*. As *laudes* do café e chá (como as do *tabaco*) são imitações muito tardias de poetas eruditos.

[122] Não posso tratar aqui das importantes relíquias cerámicas de civilizações anteriores á romana, nem das que se conservam desta em estações alemtejanas. Os nossos conhecimentos sobre o vasilhame doméstico hispano-romano em geral acham-se condensados por Hübner no § 167 da sua *Arqueologia en España* (Barcelona, 1888) onde diz: « Entre os objectos de barro cozido se hão de enumerar finalmente, embora careçam em geral de ornamentação, as grandes ánforas para vinho, azeite e outros líquidos. Embora fabricados, em grande parte, em Hespanha, tão pouco mostram indícios de uma arte provincial com carácter particular. Testos de vasos encontrados em Tarragona e em Portugal imitam evidentemente os barros aretinos (de Arezzo na Toscana). » Este último asserto merece atenção. — Em 1915 foi publicado

remos que os vocábulos *talha*, *cántaro*, *púcaro* indicam produção, quando não orijem latina dos artefactos [123].

Feito de terra vil por processos rudimentares, na roda primitiva, pouco cozido e por isso extremamente frájil [124] e barato, valendo uns míseros ceitis, o púcaro medieval tornou-se inapreciável para todos os homens de gostos simples, em virtude do condão de, graças á evaporação contínua, conservar a água sempre fresca e ao mesmo tempo rùsticamente saborosa. A este respeito não ha, positivamente, vaso algum que se lhe avantaje. E os portugueses, sem de modo nenhum desprezarem o suco de Baco, são grandes bebedores de água, de sobriedade tal que, pelos séculos adeante, inúmeras testemunhas lhes teceram elogios [125].

---

pela Comissão de Investigações Paleontologicas e Prehistoricas uma *Memoria* de Pedro Bosch Gimpera sobre *El Problema de la Ceramica Iberica* (Madrid).

[123] *Cántaro* é grego-romano; *talha*, antigamente *tãalha*, está por *tẽalha*, e vem de *tinacula*, hesp. *tinaja*, de onde *tinajeria*, nome que designa a olaria; cfr. port. *tina* (*tĩa*) e *tinha* em linguagem arcáica) e o ital. *tinello* de que Torres Naharro tirou o título da sua *Tinelária*.

[124] Todo o mundo sabe que, apesar dessa frajilidade, a massa bem cozida é em si durável como pedra, e que fragmentos de telha e de vasilhame se encontram em quási todas as estações arqueolójicas, sendo em muitas a única documentação de indústrias antigas.

[125] Não vou ampliar o ὑδρόποται de Estrabão, citado por Duarte Núnez, falando das entusiásticas paráfrases de autores portugueses tanto do pindárico ἄριστον μέν ὕδωρ, como da anecdota clássica do lavrador que ofertou ao maior monarca do mundo duas mãos cheias d'agua. Apenás apontarei umas observações de viajantes medievaes. No relatório latino dos esponsaes da Infanta D. Leonor de Portugal, irmã de D. Affonso V. com o Emperador Frederico III (a. 1451), no qual procurei debalde referéncias a púcaros, Nicolau Lanckmann de Valckenstein

Por isso mesmo não é de estranhar que tambem os abastados, incluindo os próceres da côrte e os reis, se servissem de preferéncia de copos e taças de barro. O único ponto que os distinguia dos pobres consistiria, no tempo de D. Denis como em 1800, no requinte de apenas uma pessoa beber no mesmo vaso e esta pessoa durante um único dia, quando não durante uma só refeição[126], ao passo que em famílias onde a economia era um dever, a púcara grande servia para todos os seus membros, durava até se quebrar e passava repetidas vezes por um renovamento artificial, logo que o uso desfazia a camada delgada de *ocre*, diminuindo-lhe a graça e frescura. Mencionei as tres mulheres que na capital ganhavam em 1551, a vida raspando ou roçando púcaros com pedras polidas[127]. Apresentei tambem uma regateira que substituia essa despesa pela aplicação paliativa de uma *cerada*, tendente talvez tanto a corrigir a excessiva permeabilidade e rápida decomposição do barro, como a restituir brilho e lisura á superficie[128].

---

notou com assombro que quási toda a família real bebia água pura mesmo em banquetes solenes *(Hist. geneal., Provas*, I, 614). Nicolau de Popielovo fez os mesmos reparos com relação a D. João II que bebia exclusivamente água sacada do poço, sem açúcar nem espécies. Na viajem de Rozmital, escrita por Tetzel (ed. Stuttgart, p. 181), acha-se rejistado o costume de a mulher solteira não tocar em vinho (costume que ainda hoje está em vigor em muitas localidades da província e se estende, em algumas, mesmo ás casadas). Cf. *ib.*, p. 174.

[126] Solis refere como no México os pratos de barro serviam tambem uma só vez na mesa dos opulentos (Libro II, c. 15).

[127] Duarte Núnez e o padre Vasconcelos aludem ao mesmo processo *(lapidibus perfricantur)*.

[128] Quanto a *ceradas* apenas me lembra ter lido num estudo de Ma-

Vimos alguns reinantes escolher para o seu uso pessoal púcaros de Estremoz, comquanto tivessem a sua copa guarnecidíssima de taças, albarradas, gomís e picheis de cristal, vidro, prata e ouro, e desde princípios do século XVI, de porcelanas da India. Ouvimos como na côrte portuguesa idearam e realizaram a cerimónia palaciana, lindamente democrática, da entrega de uma quarta e sete pucarinhos com sete limões e camoesas aos camareiros que entrassem de semana. Sabemos de princesas portuguesas que, tendo de viver longe da pátria, levaram comsigo ou mandaram vir posteriormente barros nacionaes, introduzindo assim na côrte vizinha o gosto dos púcaros [129]. Só de púcaros, com desprezo da infinidade de artefactos de barro, correspondentes ás diversas necessidades domésticas, que eram fabricados em Portugal!

---

nuel Rico Sinobas, publicado no *Almanaque de El Museo de la Industria para 1873* (a p. 138) vagas referências a vasos de barro dos séculos XV e XVI, cobertos de uma capa de cera, na qual se lavravam adornos e dourados.

[129] Na côrte vizinha, mas tambem em outros paises. Sabemo-lo ao certo de filhas e netas de D. Manoel e D. João III, como a Emperatriz D. Isabel, a Infanta D. Maria e Princesa D. Juana. E temos motivos para supôr o mesmo de D. Beatriz de Saboia e D. Maria de Parma. — A dama que em Bruxelas presenteou Magalotti com púcaros perfumadoiros portugueses, ou antes a mãe de D. Florência de Ulhoa, fôra criada na Côrte d'aquela Infanta D. Isabel, governadora de Flándres (1598-1633), com a qual Felipe II, seu pae, conversava nas suas cartas de Lisboa a respeito de barros de Estremoz. A marquesa de Castel Rodrigo em Madrid, a condessa de Harrach em Viena d'Austria, ás quaes o italiano devia favores iguaes, tambem eram aparentadas com famílias portuguesas. Já falei da educação em Lisboa da esposa de D. Agostinho Pacheco que transmitiu a M^me d'Aulnoy noções sobre púcaros de Portugal.

Compreende-se que o humilde vaso de terra não tivesse nem tenha comunmente ornamentação alguma, a não se querer tomar por tal meras impressões dijitaes e linhas traçadas com um bocado de cana rachada. Só quando na era das prosperidades o luxo crescente e o desenvolvimento da escultura e ourivesaria começou a despertar as aptidões artísticas da nação, alguns oleiros de talento, fornecedores da côrte, meteram-se não só a dar em sumo grao aos púcaros as qualidades de porosidade, lisura, brilho, bom cheiro e sabor que os haviam tornado bem acreditados, mas tambem a adorná-los com decorações em relevo alto ou baixo, tanto exterior como interiormente. Ora com medalhas, máscaras, cabeças, figuras, ora com festões, pendurados, arabescos — motivos que viam utilizados na baixela dos ourives de prata, os quaes pela sua vez lavravam salvas e sobre-copas, suportes e asas de metal precioso, ou invólucros de filigrana para algumas peças cerámicas de ostentação [130].

Quer por instinto seguro, quer guiados pelo critério de algum artista de raça, os oleiros de Estremoz deram adornos tambem ás peças populares, e esses de cunho peculiar, inconfundível, escolhendo elementos rústicos, em harmonia com a matéria-prima e com o destino dos vasos, para que sempre evocassem directamente ou por associação de ideias a imájem de uma fonte natural [131]. Com esse fim meteram

---

[130] Púcaros de vidro, cristal, prata serviriam para ornamentação de mesas ou figurariam em escaparates. A moda fez reaparecer, ha pouco, copos e taças de cristal metidas em invólucros de filigrana de ouro.

[131] Ha vasilhas de barro, de faiança, de prata, etc., chamadas *fontes*, não só para agua benta mas tambem para fins profanos. Vid. *Provas*, II, 446.

na massa fina e leve, avidíssima de água como uma esponja, fragmentozinhos angulosos de quartzo, salpicando os vasos no fundo com outros bocados maiores para que a água deslisando sobre elas, murmurasse como ribeiros sobre areias e seixinhos [132]. Outras vezes revestiam-nos de filamentos ou plantas aquáticas de barro, imitando musgo, entre as quaes se estatelavam cobrelos, rãs, sapos, lagartijas.

Depois de assim terem contentado os sentidos principaes, restava agradar ao olfato e ao gosto para que os bebedores de água gozassem de um perfeito prazer estético nas suas frugaes libações. O púcaro novo, de barro fino e poroso, quer simples, quer pedrado ou ornamentado, não só espirra, chia e re-chia como se fervesse quando o enchem de água pela primeira vez [133]; no meio do ruido exhala tambem um fortíssimo cheiro, idéntico ao hálito divino da madre-terra batida por aguaceiros de trovoada, hálito que é realmente de suavidade notável em climas férteis, liberalmente dotados de flores e hervas perfumadíssimas como Portugal [134]. Não

---

[132] Experiéncias casualmente feitas em exemplares grosseiros, descuidadamente fabricados, — cuja massa continha (como a prehistórica dos kjoekkenmoedding) mais ou menos mistura de areia, grãos de quartzo, mica branca ou spato calcáreo — levariam a provocar intencionalmente esse ruido. Póde ser tambem que as águas provocadoras do ruido fossem mineraes.

[133] Vid. Mme d'Aulnoy, *Relation*, II, 143 : J'en ai une grande tasse qui tient une pinte; le vin n'y vaut rien, l'eau y est excellente, il semble qu' elle bouille quand elle est dedans ; au moins on la voit agitée et qui frissonne (je ne sçai si cela se peut dire), mais quand on l'y laisse un peu de tems, la tasse se vuide toute, tant cette terre est poreuse ; elle sent fort bon. »

[134] A abundáncia p. ex., de *labiatas* cheirosas nesta beiramar oceánica tem fama entre os naturalistas.

admira que o lavrador — e em Portugal cada um tem costela de lavrador — erguesse o cheiro de terra molhada á craveira de aroma finíssimo e chegasse mesmo a achar bom o sabor a barro que o púcaro comunica á água[135].

Embora nenhum informador o diga com relação a Portugal[136], é de crêr — em vista da predilecção que tambem todo português tem desde o berço por cheiros aromáticos muito pronunciados, predilecção que as espécies orientaes realçaram ainda — é de crêr, digo, que os industriosos reforçassem essa qualidade natural do barro, misturando à massa qualquer essência, ou uma das composições tradicionaes de que todas as senhoras de certa idade ainda hoje possuem receitas. E é lícito presumir que este processo conduziu ao fabrico de pastilhas de boca, refrigerantes, e de púcaros-caçoletes. Das alusões de Garcia de Rèsende aos da Judia concluí que antes de 1516 barros portugueses haviam passado de perfumadoiros naturaes a perfumadoiros artificiaes.

De aí á bùcarofajia ha só um passo. « O que cheira bem, sabe bem, » é acsioma culinário[137]. Sou de opinião — o

---

[135] Pessoalmente confesso que pertenço ao partido dos que protestam. Como M^me d'Aulnoy e Th. Gautier, acho desagradabilíssimo *em recintos fechados* o gosto e mesmo o cheiro de terra molhada.

[136] Lembro o que Torrejon dizia dos perfumes adicionados aos barros de Talavera.

[137] A predilecção do agricultor pelo cheiro da terra molhada pode ser equiparada á do caçador por carnes de *haut-goût*. A experiência ensinou a um que carnes bem manidas e próssimas da podridão são muito tenras, ao outro que a água que sabe a barro é em geral muito fresca, o que levou ao exajero de um gostar mesmo do cheiro que acompanha a podridão e de o outro achar agradável mesmo o gosto do barro.

leitor não deixou de reparar que já entramos no campo das conjecturas — que alguns casos isolados de bùcarofajia ou barrofajia surjiriam espontáneamente em Portugal como alhures, sem contájio de povos extra-europeus. Quem bebe em púcaros de Estremoz ou de Lisboa, prova barro sem querer; tão subtil é o pó em que ele se desfaz. A fama que o barro adelgaça o corpo, torna pálido o rosto, e diminue a fecundidade, levaria meninas vaidosas (que hoje beberiam vinagre) a trincar testinhos. De propósito, outras, cloróticas, os enguliriam, procurando neles, por instinto de salvação, os saes e o ferro que positivamente convém assimilarem ao seu sangue, sem se importarem com o enorme e pernicioso lastro inassimilável aduzido aos órgãos dijestivos. O gosto lembrava, de resto, necessáriamente o de outro barro, propinado como remédio na farmacopeia antiga, por ter, segundo a fama, propriedades tónicas astringentes, e antitócsicas muito eficazes. Já aludi ao *bolo-arménio*, *bolarménico* ou *bolo d'Arménia*, importado do Oriente, em forma de pastilhas ou pães que, selados com o selo do Sultão, corriam com o título de *terra sigilata* [138]. Como esta terra era bastante cara [139] e talvez não deixasse na boca, por ser untuosa, o perfume nem a frescura que o barro pátrio lhe comunica, a moda de substituir o bolo por bocados de barro devia vingar de pressa e levar á confecção propositada de pucarinhos, bonecos em miniatura [140], contas de rosário,

---

[138] Morel-Fatio menciona as terras comestíveis de Blois.

[139] Pela Pauta do Consulado sabe-se quanto pagava de direitos (em 1744).

[140] Bordallo Pinheiro fez alguns que são um primor. Outros do Prado, tambem muito lindos, viam-se na Exposição Cerámica de 1901. Ainda

figas, e de pastilhas comestíveis de barro nacional, misturado com algumas pitadas de farinha, açucar e espécies como canela, cravo, noz moscada, baunilha, bergamota, cinamomo, ámbar, almíscar [141]. M^me^ d'Aulnoy confundia ou identificava scientemente, os barros de Portugal com as *terras sigilatas* [142], as quais provavelmente aprendera a conhecer na sua pátria, pelo menos de vista e de nome.

O costume de refrescar quartos, abobadados à moda de capelas, por evaporação de uma série de púcaros aromáticos [143], se existiu em Portugal [144], nunca tomou aqui as proporções a que chegou no planalto de Castela, entre o mundo elegante de Madrid, durante os seus nove meses proverbiaes de inferno [145]. Conforme indica um dos historiadores da

---

outros, menos artísticos, representando selhas, cestinhas, canastras, jarras, picheis etc. são vendidos em Vila-real, na *festa dos pucarinhos* a que já aludi.

[141] Num perfumadoiro que Magalotti recebeu de presente da dama aportuguesada D. Florência Ulhoa, iam bocadinhos de púcaros e raspas de limão, com outros ingredientes.

[142] *Relation*, II, 66, 133 et III, 120.

[143] Ao cair da tarde de um dia abrasador um banho de vapor frio num quarto resfriado passajeiramente pelo hálito tambem divino do mar, ou pelo sistema dos púcaros, talvez não seja tão desagradavel como Th. Gautier supõe.

[144] Jacobo Sobieski (1611) louva um negociante rico de Lisboa que lhe preparou um aposento de refresco, aromatizado com agradabilíssimos perfumes. Vid. *Viajes de Extranjeros por España y Portugal*, p. 251.

[145] Parte da voga que as terras sigilatas e os barros em geral tiveram em Castela, sobretudo no secso feminino, dentro dos conventos, explica-se por preconceitos religiosos. Considerando todas as funções corpóreas como deshonestas e tentando por este motivo restrinjí-las ao

Capital e o moço da escrevaninha de D. João II, havia em Lisboa perfumadeiras de caçoletes e mulheres do povo que perfumavam luvas. Freiras sem conta ocupavam-se do preparo de doçarias, mas não sei de convento algum onde o *adereçar* e perfumar de barros fosse cultivado como no das Baronesas de Madrid e no de Santiago de Chile.

Quanto ao vício de *comer barro*, quer por gulodice, quer como pseudo-remédio, devo dizer o mesmo. Nada consta a respeito de Portugal alêm do testemunho tardio de D. Francisco Manuel de Melo, Figueiredo, M^me^ d'Aulnoy e Magalotti. O mais antigo dos quatro — autor bilíngüe, literariamente muito castelhanizado, apesar do seu indubitável patriotismo — escrevia no fim dos sessenta anos. Não repugna supôr portanto que ambas as modas fossem importadas de Castela entre 1580 e 1640, e por isso mesmo não arraigassem fundo, se bem que na cidade do Tejo ainda subsistissem perto de 1800.

A propagação epidémica em Castela, essa parece haver tomado início meio século antes, em conseqüência da introdução de búcaros e brinquinhos americanos, trazidos do Novo-Mundo (Natá, Guadalaxara, Quito, Perú, Chile) nas naus dos Indiáticos, como mimo para suas esposas e filhas. Talvez em 1528, ou então na segunda volta de Fernão Cortês (1540). Como o conquistador reunisse em sua casa em Madrid uma Academia de espíritos cultos e curiosos, dispostos a patrocinarem novidades exóticas, podia-se imajinar

mínimo possível, as damas abusavam de meios opilantes a ponto tal que os confessores, invocados por ventura por médicos sensatos, tiveram de condenar costume tão prejudicial á saude. Mas quanto mais proibido, tanto mais cobiçado.

mesmo que a bùcaromania tivesse irradiado d'esse ponto central. Um texto conheço que pelo menos prova que até 1539 no império de Carlos V búcaros do Natá não estavam vulgarizados [146]. É na *Arte de marear y trabajos de la Galera,* de Antonio de Guevara [147], que ha um parágrafo relativo ao vasilhame em que os pobres navegantes comiam e bebiam. E diz:

Es privilegio de galera que nadie ose pedir alli para beber taza de plata, ó vidro de Venecia, ni bernegal de Cadahalso [148], ni jarra de Barcelona, ni porcelana de Portugal, ni nuez de India, ni corcho de alcornoque. Y en el caso que el pasajero no metió en la galera taza ni jarra para beber, dispensará con él el capitan que en la escudilla de palo [en] que come el remero la cocina, le den á él de beber un poco de agua [149].

Note-se que o bispo de Mondoñedo cita dois artigos importados da India, além de outro vindo da Itália, mas nenhum búcaro [150].

O profeta vale pouco na sua terra. Innúmeras vezes objectos trazidos de longe são os que nos abrem os olhos a respeito dos que temos á mão. O apreço dado na América central a barros aromáticos e comestíveis e o aplauso com

---

[146] Não figuravam entre as peças de luxo; e muito menos entre as de uso comum.

[147] Sirvo-me da edição moderna (1895).

[148] É mais um documento a juntar aos que Riaño indica (a. p. 237 ss.) relativos ao vidro excelente fabricado em Cadalso (prov. de Toledo). Aponto outro na lista do enxoval de D. Beatriz de Saboia (*Provas*, II, 449). Por ele vê-se que os *bernegaes* ou *bernagaes* eram imitados em prata.

[149] Cap. II (p. 53 da ed. indicada).

[150] *Cocos* tanto vinham das Indias orientaes como das occidentaes. Havia exemplares artisticamente lavrados.

que em Madrid foram acolhidos os de Natá, pode ter impulsionado oleiros de Talavera — que já tratavam de imitar as porcelanas da India portuguesa [151] — a se ocuparem de contrafacções d'aquele rei dos búcaros [152], calculando que os orijinaes eram demasiadamente caros para a maioria da jente, que gosta de adoptar a última moda. Como porém esses búcaros lhes saissem imperfeitos [153] e o negócio das louças brancas resultasse, pelo contrário, muito rendoso, lembraram-se da superioridade reconhecida das arjilas finas e das virtudes até então quasi desprezadas dos púcaros de Portugal, resolvendo fomentar lá mesmo o desenvolvimento da indústria barrista; depois de 1580, bem se vê. O talaverense que, segundo Severim de Faria, montou em Lisboa o primeiro forno de porcelana branca, pode muito bem ter instigado os Maias, ou quem antes d'eles fosse o melhor *tinajero* de Lisboa, a aperfeiçoar os seus púcaros e as suas quartinhas, concorrendo com eles no mercado de Madrid e estabelecendo ao mesmo tempo exportação em escala larga para o Ultramar. Está claro que neste caso e para desbancar o vasilhame de Montemor e Estremoz, que anteriormente havia deliciado alguns madrilenos pelas suas qualidades injénitas de frescura, os deviam adaptar ao gosto barroco e gongórico da época, reforçando ainda a semelhança notável que já existia entre os púcaros de Portugal e os de México,

---

151 A mais antiga menção conhecida de *loiça* de Talavera com pretenções a porcelana é de 1560 (Riaño, p. 170).

152 Até hoje não conheço alusões a *búcaros* de Talavera, anteriores ás de Frei Andrés de Torrejon.

153 Na literatura beletrística não encontrei referéncias a púcaros de Talavera.

não só em leveza e porosidade, cheiro e sabor, mas tambem nas formas e na ornamentação plástica com relevos estampados e figuras aplicadas. Se o contrário fosse provado, i. é se a bùcarofajia já tivesse sido moda antes de 1519, exercendo-se em exemplares pátrios [154] não se compreenderia por que motivos foi que a derivação da mania para os exemplares mexicanos e os portugueses se deu tão tarde [155].

*

Alguns pontos ficam por decidir. Aceitando como postulado que nas *tinajerias* de centros hispano-árabes como Córdova [156], Sevilha, Triana, Málaga, Andúxar, La Rambla, Xativa, e tambem em Talavera e Ciudad-Rodrigo, etc., vasos de beber de dimensões reduzidas seriam fabricados desde o princípio, ao par de *tinajas, cántaros e alcarrazas*, ignoramos todavia se esses correspondiam em tudo, como artefacto e *nominalmente*, ao púcaro português. Parece que

---

154 Apesar do que fica dito nas notas antecedentes, não devemos esquecer que Talavera era centro de olaria no século XIII e por certo nunca deixou de produzir vasilhame de barro, tosco, a par do vidrado e da loiça branca. E quantos outros centros havia!

155 Recapitulando assentemos que a primeira menção de púcaros de Portugal *em Hespanha* é de 1539 (no Inventário da Emperatriz), a de búcaros de Talavera posterior a 1568, a de búcaros de Natá de perto de 1600. Verdade é que Riaño diz do búcaro a p. 178 da sua obra: «It was made in Spain as early as the 16 th century, and we constantly find Bucaros alluded to in documents of this period». Mas não cita nenhum anterior a Frei Andrés de Torrejon (que professou no ano indicado).

156 Vid. *Memorial Histórico*, II, 45.

nomes árabes como *taça* e *iarra* prevaleciam. O de *púcaro* ou *búcaro,* se existia, era na literatura pouco usado.

*

Ignoramos igualmente quando foi que as *terras sigilatas* do Sultão começaram a fazer parte da medicina peninsular, preparando a futura bùcarofajia e se os introdutores eram por acaso médicos árabes. Nem tão pouco ficou provado por meio de textos que, na falta de vasos tão apropriados ao seu fim como os púcaros do Alentejo e da Estremadura, houvesse importação desses, de sorte que o vasilhame português fosse já familiar e grato ao paladar e olfato dos castelhanos, quando o influcso da jeofajia americana começou a dirigir atenção intensificada para as qualidades dos barros lusitanos, insuficientemente avaliados até o tempo dos Felipes. O facto de os conquistadores haverem aplicado o nome luso-castelhano aos *comales* dos Aztecas e a loiças parecidas de outros povos (Maias, Chilenos, etc.) denota em todo o caso que em 1519 conheciam búcaros.

Para resolver estes problemas, tornava-se preciso lêr *Costumes e posturas* medievaes e tabelas antigas de preços, relativas aos sitios indicados [157]; percorrer relações de viajantes anteriores a 1500 [158]; explorar a fundo os historiadores da India; revêr os Inventários de Carlos V, dos Reis Católicos, e especialmente das princesas portuguesas que no

---

157 Em Portugal não é possível realizar esta busca. Os Inventários devem estar no Arquivo de Simancas.

158 Vi muitas, mas nem de lonje todas quantas ha.

século XV ocuparam o trono de Castela (como a mãe da grande Isabel e a mulher de Enrique IV) e o da Austria, como D. Leonor, a já citada mãe do Emperador Maximiliano [159].

E visto que alusões e descrições não são, felizmente, o único resto que ficou da bùcaromania, um estudo completo exijiria que fossem examinados os púcaros portugueses, castelhanos e mexicanos, conservados em museos ou colecções particulares — tanto os de barro tosco como tambem as imitações de faiança, vidro [160], porcelana, estanho e prata — e comprados com os antigos (sámios) de Arezzo, os etruscos da Campánia e as imitações saguntinas, afim de estabelecer as relações de dependencia entre eles [161].

---

[159] Já falei da relação de Lanckmann von Valckenstein. Assombrado com o luxo e as raridades africanas que notou na côrte de D. Affonso V, não teve olhos para objectos tão insignificantes como os púcaros de barro em que o monarca e sua irmã bebiam água pura. — No Diário da viajem, escrito por Lopo de Almeida, em Cartas a el rei, faltam igualmente referéncias a Estremoz, d'esta vez porque a Emperatriz foi por mar. — No dote da Infanta casada com D. Fernando, pae de D. Manoel, tão pouco as encontrei. Pode ser que púcaros pertencessem ás pequenas miudezas do trem de cozinha, não especificados *(Provas,* I, 560). Como a Infanta D. Beatriz ficava em Portugal, não havia necessidade de lhe dar grande provisão de púcaros.

[160] Especialmente as de vidro, por esse material ser o preferido para copos de beber, pela sua transparéncia. Todas as peças do South-Kensington-Museum, que Riaño reproduziu na obra citada (a p. 231, 232, 237-239) existem em Portugal com lijeiras variantes, em barro preto e vermelho, tosco e vidrado. Nº 1068, 73 é com efeito um búcaro típico, se lhe tirarmos o pé e acrescentarmos uma asa. — O imediato é um moringue. O que na mesma pájina 236 fica á esquerda, é púcaro-jarra, A p. 233 temos as algas das Caldas da Rainha.

[161] Lembro novamente as afirmações de Hübner que mais àcima tres-

De passájem nomeei a colecção legada pela Condessa d'Oñate ao Museo Arqueolójico de Madrid, os Museos do Padre Kircher e de Bonanni em Roma, que da mão dos Jesuitas passaram ás do Estado; e podia ter apontado especimes de Talavera, guardados no South-Kensington Museum[162]; alguns barros antigos das Caldas da Rainha, que pertenceram ao grande mestre da cerámica nacional[163], e outros conservados em Santarém, no Museo rejional[164].

Tão pouco deviam ser omitidos os reflecsos que perduram em pinturas peninsulares: não só no retrato da Infanta de Portugal, que pelos indícios talvez se podesse descubrir, e na admirável tela das *Meninas* de Velázquez[165], mas tambem em diversos quadros da escola de Grão Vasco[166] e nuns

---

ladei. A grande plasticidade da matéria-prima, e por isso mesmo ornamentações em relevo são os característicos principaes.

162 N.os 285-318, do *Classified and Descriptive Catalogue of the Art Objects of Span. Prod.*, de Riaño (Lond. 1872).

163 Conforme deixei dito, Joaquim de Vasconcelos coloca-os no tempo de D. Leonor e de D. João II, i. é em fins do século xv.

164 Entre os vasos de barro vermelho que foram achados no desaterro para a estrada que se liga á ponte sobre o Tejo, ha um com a pátina do barro de Estremoz — espécie de taça ou antes cantarinha, de base muito larga com uma asa — que parece ser do século xvii e merece atenção. Informação de José Queiroz.

165 Nos *Borrachos*, no *Aguadeiro de Sevilha* e em diversas *bambochatas* do mesmo, assim como nos *Mendigos* de Murillo, encontrei apenas tinajas, cántaros, taças e jarras.

166 Nos quadros dispersos pelo país vêm-se bastantes alcarrazas e albarradas lindas, mas poucas peças a que daría o titulo de *púcaros.* Especializarei comtudo uma *Anunciação* (hoje no *Museu das Janelas Verdes;* nº 224 do antigo *Catalogo de 1868* — Laurent, 685) por representar uma *cantareira* completa, com diversos púcaros. — Quem procu-

DIEGO VELASQUEZ

AS MENINAS (FAMÍLIA DE FILIPE IV)

interiores e naturezas mortas de Josefa d'Óbidos [167]. A par de representações d'essas relíquias d'arte deviam figurar como ilustrações de uma memória definitiva, tipos de púcaros fundamentalmente vulgares, de uso constante doméstico. Como todos os dias se vendem, servem, quebram, e ininterruptamente se renovam, houve, de necessidade, entre o presente e o passado (através de sucessivas jerações de oleiros lusitanos, romanos, árabes e mozárabes e finalmente de verdadeiros portugueses) ligação íntima e portanto conservação de traços e processos ancestraes, a despeito da evolução de exemplares privilejiados [168].

Por isso ficavam bem ao lado dos modernos, púcaros

rasse com vagar seria com certeza mais feliz. No seio das províncias, onde ha riquezas valiosas patenteadas de lonje em lonje em exposições arqueológicas como as de Lisboa (1851, 1858, 1882, 1895), Porto (1867, 1882, de cerámica), Coimbra (1869), Aveiro (1882), Viana (1896), talvez se conservem exemplares característicos, saidos do espolio dos conventos. Infelizmente na arrecadação não houve o cuidado necessário, como já foi dito por Joaquim de Vasconcellos (*Cerámica Portuguesa*, II, 31). Entre as cem peças que elle viu na *Madre de Deus*, a maioria era vidrada de branco e verde.

[167] Pertencem ao Ex.mo Sr. Braamcamp Freire, o qual depois de tentar fotografá-los, sem conseguir resultados satisfactorios, me enviou dois desenhos lindamente feitos pelo ilustre autor da *Lisboa Antiga*.

[168] A este respeito ha observações preciosas no artigo supra-citado de Rocha Peixoto sobre a loiça do Prado e a sua estatuária rústica, muito parecida na sua rude injenuidade com a mexicana. Os processos de modelação, cozimento, alisamento, fumegação e ornamentação são, segundo ele, puramente prehistóricos em muitos recantos das províncias. — Compare-se o que Riaño diz (p. ex. a p. 178) dos barros de Anduxar e La Rambla: « The industry remains in precisely the same state as in the time of the Arabs. »

arcáïcos, dos considerados luso-romanos que se encontram no Museo etnográfico de Lisboa (Belem) [169] e nos das províncias.

Púcaros de luxo não são artigos de indústria portuguesa na actualidade. Mesmo os simples deixaram de ser instituição nacional, comquanto se conservasse inalterada e prometa durar a predilecção de portugueses e hespanhoes pela água fria como melhor das bebidas [170], e o costume não só de a buscar na fonte em cántaros de barro [171], mas tambem de a guardar neles ou de aí refrescar de noite ao relento a das Companhias de canalização, quer filtrada, quer não. O estanho, o vidro, a folha de Flandres, a porcelana, o cristal, metaes esmaltados, o *nickel*, o alumínio reduziram sensìvelmente o domínio do barro em jeral. Fábricas de jelo e sorveteiras restrinjem o seu emprego na mesa. O adàjio «para águas não ha nada como o barro» já não se póde aplicar aos vasos em que se bebe.

---

[169] No *Archeólogo Português* ha numerosos apontamentos sobre peças cerámicas antigas.

[170] Portugueses em Hespanha costumam censurar a falta de água boa e a parcimónia com que ela é repartida nos hoteis. Já no século XVI o escritor que acompanhava a Infanta D. Maria a Valhadolid reparou na *pequenez* dos potes de água, que «quatro d'eles não encheriam um pote dos das negras de Lisboa» (*Provas*, III, p. 166).

Màs isso não tira que viajantes extra-peninsulares achassem notável a predilecção tambem de Castelhanos e Andaluzes por água pura como melhor das bebidas. Veja-se p. ex. o que Ford diz a respeito de *alcarrazas, talhas e cantareiras de madeira* (*talladas e talleres*) no excellente *Hand-Book for travellers in Spain* (1845) a p. 26 et 71.

[171] Aguadeiros galegos carretam as aguas para lavagem, etc., nas cidades em que ainda não ha canalização, em canecos ou barris de pau; mas estes são esvaziados em casa em talhas de barro.

Banidos das salas, púcaros de barro tosco vivem, comtudo, nas cozinhas das classes populares, grandes consumidoras de toda a qualidade de barros por causa da sua barateza e fácil substituição e por aparecerem tradicionalmenre em cada feira e romaria [172] — posto que aí mesmo o vasilhame de metal lhes faça alguma concurrência [173]. Especialmente no Alentejo, berço a meu ver dos púcaros, onde perduram as talhas jigantescas e onde vinhos creados em barro pelo sistema antigo estão em uso [174], eles não passaram de moda e continuam a exercer a sua função primitiva, não só como «ministros» de talhas e cántaros [175], como nas outras províncias, mas como vasos de beber independentes.

A fase minguante em que o púcaro entrou, já se manifesta nas definições que lhe são dadas nos dicionários portugueses. Para os antigos, até meado do século XIX, representados por Bluteau [176], Fonseca [177], Moraes [178], Cons-

[172] Mesmo nas cidades não ha mercado onde faltem.

[173] As bilhas de Estremoz e as do Prado vão hoje acompanhadas de *copos de barro*. Mas não me parece que conquistarão o lugar do cántaro e do púcaro.

[174] Na *Tradição*, excelente revista mensal d'etnografia portuguesa, ilustrada, particularmente dedicada ao folklore da cidade de Serpa, onde se publicava, ha um estudo sobre *A olaria em Serpa* (vol. II) que fornece amplas informações e merece imitação em todos os centros importantes de indústrias populares.

[175] Verdade é que o objeto que em regra se chama *púcaro* tem em Serpa o nome de *cucharro*, ao passo que *púcaro* designa uma espécie de cafeteira de bico longo e estreito.

[176] Vaso a modo de taça *em que se bebe* (cyathus, crater, poculum).

[177] Genero de vaso *para beber* (urceus, culullus, cyathus, poculum, aqualis).

[178] Vaso a modo de taça *para beber*.

táncio[179], púcaro era o vaso típico em que se bebia. Para os modernos como Caldas Aulete[180], Candido de Figueiredo[181] e o *Diccionario do Povo*[182], o seu destino principal é extrair líquido de cántaros e talhas. Entre os dois grupos ficam Coelho e João de Deus, que indecisos sobre o principal ofício d'eles ou cónscios de que o emprego de cada vaso depende até certo ponto do arbítrio do seu dono[183], descrevem-no apenas como « vaso de barro ou metal, de pequenas dimensões, com asa », ou « vaso com uma asa para pequenas porções de líquido[184] ».

---

[179] Vaso de barro *para beber*.

[180] Vaso com uma asa, metálico ou feito de barro, e que serve ordinariamente para tirar pequenas porções de líquido (p. ex. um púcaro de folha).

[181] Pequeno vaso com asa, geralmente destinado a *extrahir liquidos* de outros vasos maiores.

[182] Vaso para *tirar agua* do pote.

[183] Felipe II servia-se dos púcaros de Estremoz para flores. E como variantes do púcaro de beber (púcaro-taça; púcaro-copo) e do púcaro colherão, de medir e haurir água, havia e ha púcaros e púcaras-panelas púcaros-jarras, púcaros-canjirões, etc.

[184] Num Dicionario histórico a órdem dos significados devia ser a seguinte:

1.º Antigamente, vaso de beber (em regra, água; excepcionalmente vinho) feito de barro não-vidrado.

2.º Do século XV em diante, imitações feitas de barro vidrado, vidro, porcelana, metal.

3.º Nos séculos XVI, XVII, XVIII, vasos de ostentação, de barro fino ou metal precioso, ricamente ornamentados e perfumados, expostos em escaparates, ou que serviam para refrescar gabinetes pela evaporação de águas, quer simples, quer aromáticas *(búcaros)*.

4.º Hoje vaso de tirar água de outra vasilha maior, feito de barro ou folha.

Os diversos factos e trechos citados no texto fazem presumir, que

Quanto ás formas típicas e tradicionaes é dificil estabelecê-las emquanto faltar a sinopse ilustrativa. As descrições e alusões não ministram elementos suficientes. Venturini compara o púcaro de D. Sebastião a urnas antigas. O de Madame d'Aulnoy era uma taça em que cabia uma *pinta*. O Padre Vasconcelos classifica-os como *urceos*, *urceolos*, identificação que Bluteau impugna, preferindo *cyathus* e *crater*, além do térmo jenerico de *poculum*. Os dizeres de Garcia de Rèsende provam que os havia bojudos, quasi esféricos á moda de bules e açucareiros. Figueiredo, com um pé na era do vidro, diz que os de Romão eram *como copos*. Os autores modernos notam apenas a existencia da asa, que outr'ora não havia sido indispensável, ao que parece [185].

Como em todo o vasilhame, as formas primitivas e fundamentaes deviam ser poucas, numerosíssimas porém as variantes e transições, ideadas a capricho pelo oleiro: ás vezes imitações de produtos naturaes (maçã, pera, romã), em jeral puramente jeométricas (esféras, calotas, ovaes, cilindros), diferençadas *in infinitum* por meio de suportes, gargalos, bicos, asas (de uma a oito) ou pegas e orelhas, de combinações sempre novas. Entre as que se provarem mais apropriadas e se tornaram normaes distingue-se a de ánfora ou cantarinha, a de taça, e a cilíndrica de copo. Todas

---

servindo na fonte, na cozinha, nas salas, os púcaros não figuravam por costume nos lavatórios. Vasos de lavar a boca eram *copas*, e *albarradas* os jarros competentes.

[185] Nas fotografias, p. ex. do quadro da *Anunciação* e no das *Meninas*, as linhas não se perfilam com suficiente clareza. Seria preciso desenhar os púcaros.

relativamente largas na base e com uma só abertura tambem larga para que se podesse ver e tocar o fundo [186].

Os elementos decorativos não seriam menos variados, semelhantes em parte, como já se disse, aos que do campo da arquitètura passaram á baixela de prata e ouro e posteriormente a vasos de vidro e porcelana. Sem especificar, se nos púcaros da Maia as imajens figuradas eram históricas com corpos inteiros, ou cabeças, medalhões, máscaras, ou arabescos com uma fauna e flora de fantasia, ou então animalejos no estilo rústico de Estremoz, das Caldas e de Talavera, Francisco de Figueiredo observa apenas que eram feitas *por formas* e em meio-relevo como nas salvas de prata. Os que Th. Gautier viu em Madrid tinham, pelo contrário, meros filetes de ouro e flores pintadas. Ao exemplar clássico (de vidro) da Emperatriz, com pés que representavam sereias, posso juntar um, descrito na *Dorotea* de Lope de Vega:

...dáme aquel búcaro dorado que tiene el Cupido tirando al Dios marino.

Muitos motivos perduram naturalmente, aplicados embora a peças diversas de barro, vidrado em regra. Ainda se fabricam bilhas salpicadas de fragmentos de quartzo ou pintadas de manchas brancas que finjem pedras. Fazem-se jarras cobertas de filamentos. Aplicam-se flores, máscaras,

---

[186] Para depósito efémero de pequenas porções de agua de beber são favorecidas formas completamente fechadas em cima, com só dois orifícios laterais, guarnecidas de gargalos curtos, p. ex. nos moringues, ou com um só no meio (com gargalo esbelto como nas bilhas).

cabeças. Ha floreiras com tampas perfuradas como as dos antigos perfumadoiros. Em pratos decorativos aparecem musgos, algas, e répteis, muito embora, vivos, esses sejam odiados e perseguidos pela maioria do povo.

MPORTANTE como é (ou foi) na economia doméstica do occidente, o *púcaro* originou uma série não pequena de locuções de que vou dizer duas palavras, passando ao campo linguístico — locuções familiares que falam a favor da minha tese da origem latina do vocábulo.

Uma refeição lijeira *(eine Erfrischung)*, oferecida por uma dona de casa a visitas inesperadas ou servidas a convidados depois de cerimónias relijiosas (casamento e batizado) em casa particular, um comer portanto que não é jantar nem ceia, tinha em tempos passados o nome significativo de *púcaro de água*, mudado em *copo d'água*, desde o dia em que *púcaro* começou a ser inexacto e demasiadamente vulgar. A modéstia aparentada não é portanto exagero moderno. O grande polígrafo, cujos escritos em prosa vernácula já nos serviram de mananciaes de notas folklóricas, lá o diz no curioso *Guia de casados:*

> Uma cousa que *antigamente* entre as amigas se chamava *púcaro de agua* passou a ser merenda e de merenda a banquete [187].

---

[187] *Guia de casados*, p 109. Cf. *Arte da cozinha*, p. 193.

Quem vive familiarmente em casa alheia, a custa do dono d'ela, está *de casa e pucarinha* com ele [188]. Dois que comungam nas mesmas ideias, tendo afeições iguaes ou animosidades parecidas, ou que se associam para certos fins *bebem no mesmo púcaro* [189]. Embora um golo de água seja remédio natural e nacionalíssimo contra a sede, o adájio recomenda que *Nem com toda a fome á ucha* (mod. *arca*), *nem com toda a sede ao púcaro (ao cántaro* ou *ao pote)* [190]. Quem pratica alguma acção, má quási sempre, com facilidade e sem escrúpulo, *bebe-a como um púcaro d'água* [191]. Quem *tira nabos do púcaro*, procede — salvo erro — com o egoismo, o interesse e a gulodice de quem *tira o olho da panela* [192]. O provérbio que, aludindo por ventura á sorte efémera dos púcaros de barro, diz *homem pobre, taça de prata, caldeira de cobre*, dirijia-se por certo não aos filhos do povo, mas antes ao fidalgo pouco abastado [193].

O ditado que estabelece que *tantas vezes vai o púcaro ao poço até que lá lhe fica a asa ou o pescoço*, é mera variante algarvia do conhecidíssimo *tantas vezes vai o cántaro*

---

[188] Ouvi dizer *de cama e pucarinho* (por *maritalmente*).

[189] A expressão *fazer panelinha com alguem* (*Feira dos Anexins*, p. 199) é outro equivalente do latim *eodem poculo bibere*.

[190] *Feira*, p. 142.

[191] *Ulysippo*, p. 201.

[192] Vid. Haller, *Altspanische Sprichwörter*, n.º 546. Mostrei que em algumas partes a panela se chama púcaro, ou púcara. Vid. Vieira, *Obras*, IX, 77; Manoel Bernardes, *Luz e calor*, p. 376. Na *Floresta* (II 150), o mesmo autor serve-se de *pucaro de água* para traduzir o *potum aquae frigidae* do Evangelho (*Matth.*, X, 42).

[193] Julgo que deve existir variante que fale do *fidalgo pobre*, etc.

(ou *o cantarinho*) *à fonte até que quebra* (ou *até que lá fica*).

Quanto a quadras, cantadas pelo vulgo, recolhi apena as quatro seguintes, certa todavia de que existem muitas mais:

Maria, minha Maria,
meu pucarinho de tenda,
quando alguem te procura,
diz-lhe que estás de encomenda.

Que tendes no pucarinho,
menina, que tão bem cheira? —
São as lagrimas do amor,
que se vai segunda-feira!

Menina que estás na fonte,
dá-me agua, que quero beber
por um pucarinho novo
tocadinho de amor.

Ainda hoje não fiz caldo
nem panela pus ao lume.
Só lá tenho um pucarinho
que levará um almude.

Tambem ha jogos populares *do púcaro* ou *da pucarinha*. Num, o vaso de barro substitue a pela, correndo de mão em mão[194]. No outro (all. *Topfschlagen*) uma pessoa, armada de um pao, caminha de olhos vendados uns passos contados

---

[194] Nos cincoenta dias da Páscoa ao Espírito Santo é que a juventude das aldeias, na Beira, costuma postar-se num largo espaçoso, de dez a dez passos, para atirar-se um *púcaro rachado* ou *cântaro velho*. Quem o deixa cair, recebe uns tantos «bolos» e tem de pagar número certo de laranjas.

para a frente afim de aí, com pancada de cego, desfazer um púcaro em testinhos [195].

Em Vila Real de Tras-os-montes celebra-se anualmente, nos dias 28 e 29 de Julho, de fronte da capela de S. Pedro, uma festa popular, chamada *dos pucarinhos*. No número dos objectos de barro então vendidos (da fábrica de Bisalhães) entram uns pucarinhos minúsculos — verdadeiros brinquinhos — que os elegantes oferecem ás damas e que se suspendem do peito por fitinhas de côr [196].

*

Para findar, algumas considerações etimolójicas e lecsicográficas que, embora só contenham minúcias, não deixam de ser instructivas. Em Portugal temos como forma normal *púcaro*, com *pucarinho*, *púcara*, *pucarinha* [197], e os derivados

---

[195] O cántaro tambem deu ensejo a vários ditados. Já disse que a serva que vae á fonte é *moça de cántaro* ou *de atanor*. Só quem tiver *alma de cántaro*, i. é miolos nenhuns, irá sem critério á arca do pão e ao pote, e escolherá para ir buscar água a hora em que *chover a cántaros* (respectivamente *a potes*). Nestas ocasiões é que se realiza a miude a ameaça do anexim citado no texto: *Tanta vez vai o cántaro (o pote) á fonte que d'uma vez quebra* (*Feira*, p. 143), ou *Tanta vez vai o pote á fonte até que lá fica.* — *Tanta vez va el cántaro á la fuente que dexa allá el asa o la frente* (hesp.) — Ao destino tradicional das talhas alemtejanas para depósito de azeite, vinho, cereaes alude o anexim humorístico: *Muito trigo tem meu pae num cántaro.*

[196] Aí *pucarinhos* é nome genérico de todos quantos brinquinhos de barro aparecem na feira. — Devo alguns exemplares á jentileza do distinto arqueólogo Henrique Botelho.

[197] Entre *púcaro* e *púcara* havia em jeral diferença de tamanho. Em

pucarada[198], *apucarado*[199], *pucareiro*[200]. Ao par d'ela existe *pucru* nos dialectos da Beira[201], e *bucarejo* entre os antigos Alemtejanos[202], de onde podemos abstrair *búcaro*. No país vizinho, onde o termo parece ter entrado pela raia, juntamente com os artefactos de Montemór, Estremoz, Évora, sem alteração de sentido, mas onde evolucionou posteriormente pelo modo exposto, adoptaram de preferéncia essa última forma[203] e criaram o deminutivo *bucarito*. De preferéncia, e não exclusivamente, pois Mme d'Aulnoy ouviu e empregou tanto uma como outra[204]. De Hespanha *búcaro* passou á França onde aparece intacto em livros relativos á península[205], mas

---

Évora houve *púcaras d'agua* na idade-média; havia-as no século XVI, como se vê do *Inventário da Infanta D. Beatriz*, pela descrição de uma taça de prata dourada e lavrada, representando um caçador a beber em uma *púcara* (*Provas*, II, 448). Hoje ha-as, pretas, em muitos pontos do país, p. ex. em Chaves.

198 *Tomar uma pucarada inteira de caldo; beber de vez uma pucarada d'agua.*

199 Copos *apucarados* são munidos de asa a modo de púcaros.

200 Em Tras-os-Montes chamam sapos *pucareiros* a sapos muito inchados, como a rã do fabulador.

201 Ouvi-o a uma mulher de Tondela, e a outra de Celorico.

202 O suficso *-ejo* é depreciativo como em *animalejo, lugarejo, persevejo.* — Nos opúsculos de Leite de Vasconcellos sobre os actuaes falares alemtejanos não descubri *búcaro*, bem a meu pesar.

203 Cervantes empregou *bucaro* no *D. Quixote*, II, cap. 32.

204 *Pucaro* no vol. II, p. 133; *bucaro, ib*, p. 143.

205 Estes livros devem ser a fonte onde um público aliás restrito hauriu a sua sciência, naturalmente muito incompleta. — O facto de Mme d'Aulnoy ter dado aos barros de Portugal o título de *terra sigilada* (*sigelée*, II, 133, 143, e III, 120; *cigelée*, II, 102; *ciselée*, II, 66) e de ele reaparecer em dicionarios como os de Sachs, Michaëlis, Rigutini, le-

vestido á francesa[206] e ás vezes estropiado em dicionários que posteriormente serviram de modelo a outras nações[207]. Na Itália nacionalizaram-no, porque o aplicaram a objectos indíjenas. O *búcchero* etrusco, *nero e rossastro*, chegou a fazer parte da terminolojia arqueolójica internacional. No latim medieval o termo não era usado[208].

Vimos a forma normal portuguesa documentada desde o século XIV e podemos concluir que é tão velha como *cántaro*, *ola*, *ôlha* e *panela*[209]; a dialectal, antes de 1516; a castelhana indirectamente desde a conquista do México[210], directamente desde 1539, se bem que sòmente com relação a exemplares occidentaes, pertencentes a princesas portuguesas. Como

---

va-me á suposição que as *Cartas* foram consultadas pelo primeiro que recolheu a palavra.

[206] Littré e Larousse rejistam *bucaro, boucaro* e *bocaro*.

[207] Nas definições e explicações dadas pelos autores citados encontro *bujaro* (!); em Sachs temos *bukáros*, forma reproduzida por Rigutini e H. Michaëlis (a tradução *Zuber* é inadequada). Em Tolhausen temos *bukara*, para variar.

[208] Qualquer estudo cerámico, quer alemão, quer inglês, ou Catálogo de Museos arqueolójicos pode ministrar exemplos. Sirva de amostra o último que manuseei: *Museum of Fine Arts*, Boston, XXVIII th *Annual Report for the year 1903*. A p. 63, temos um *Italo-Corinthian Bucchero;* a p. 64, um *Bucchero Oinochoë with trefoil mouth and nearly spherical body*.

[209] Procurei-o de balde nas *Etimolojias* de Santo Isidoro (Livro XXI 5, *De vasis potatoriis* e 6 *De vasis vinariis et aquariis*) e no *Glossario* de Du Cange-Henschel. Neste último ha apenas *buccarum*, forminha de pão, derivado de *bucca* (*Cónc. Hisp.*, IV, 361).

[210] Grijalva notou na expedição preparatória de 1518 a excelência da loiça de barro pintada em que comiam os caciques, segundo Peschel (*Zeitalter der Entdeckungen*, p. 630), o qual remete a Las Casas, III, c. III.

nome de objectos vulgarizados em Hespanha, apenas desde o ano indeterminado em que o monje de Talavera escreveu a história da sua cidade natal. A italiana, mal pode ter tomado corpo e alma ántes do século XVI. Mas esta questão é uma das muitas a que não posso dar resposta suficiente.

Para Castela iam de preferéncia búcaros de barro odorífero que serviam para refrescar quartos, e depois de quebrados, de guloseima e remédio ás damas de gosto anormal ou depravado. Ouvindo chamar a esses indiferentemente *búcaros* e *barros* (sc. de Portugal, de Talavera, de Natá)[211], o vulgo pseudoculto dos aficionados e dos coleccionadores estranjeiros identificou os dois termos, imajinando que o significado *arjila* era o primitivo, e derivado o de *vaso*[212]. Tal concepção, errónea, que se acha claramente enunciada no opúsculo de Magalotti (e mesmo no título *Sulle terre odorose d'Europa e d'America dette volgarmente buccheri*) orijinou a inversão dos sentidos pelos lecsicógrafos[213], e

---

[211] « Il faut leur donner de ces *bucaros*, qu'elles nomment *barros* » (Mme d'Aulnoy, II, 133).

[212] Mesmo no campo cerámico ha exemplos de nomes próprios, que passaram a ser usados como apelativos. Na Galiza p. ex. chamam hoje *talavera* a toda a faiança branca vulgar (*Revista Gallega*, n.º 44). Em Portugal *sacavem* é termo correspondente.

[213] « Terre odorante rougeâtre dont on fait des vases à rafraichir » (Littré) — 1º « Wohlriechende zur Herstellung von Gefässen verwendete Siegelerde; » 2º Gefäss aus solcher Erde » (Tolhausen). A maioria indica Portugal como pátria da arjila. Littré até se insurje expressamente contra os que a derivam das Indias e não de Hespanha. — Entre os que colocam na primeira plana dos significados o de *vaso*, ha naturalmente vários que o fazem vir da América, p. ex. Séjournant, *Nouveau Dict., Esp., Franç. et Latin* (1790): « Vase d'une terre rougeâtre extrêmement

algumas vezes a supressão completa do sentido primário[214], apesar de nenhum d'eles alegar trechos castelhanos em que seja possível substituir *búcaro* por *arjila*, *terra*, ou de o traduzir por *Thon*, *Thonerde*, *Siegelerde*[215]. Em harmonia com a doutrina propagada durante tres séculos, escritores modernos, ao tratar de vasos de barro plástico, etruscos, saguntinos, sámios ou gregos, não hesitam em empregar *búcchero* como equivalente de *arjila* ou *terra sigilata*[216].

A quási identidade formal e essencial de *púcaro*, *búcaro*, *búcchero* e o que sabemos da história do artefacto, obriga a considerar as tres variantes como uma só palavra. Teremos portanto de explicar a mais arcáica.

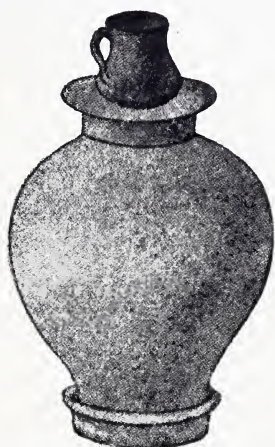
Várias etimolojias foram propostas. Italianos modernos, ignorando a órdem dos acontecimentos e considerando *búcchero* como nome antigo e orijinal de certos vasos sámios e gregos, procuram as suas raizes na terra clássica dos cántaros e das ánforas. Aquele que citei no princípio d'este estudo aponta *boúkeras*, i. é. ponta de boi, nome efectiva-

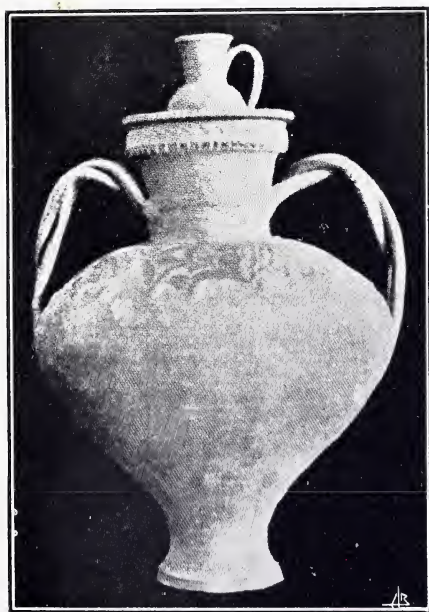
---

fine qui vient des Indes; *poculum americanum ex argilla odorifera confectum*» (Cf. Larousse). Escuso de repetir que a côr vermelha não é única em barros e búcaros portugueses: houve e ha muitos centros de vasilhame preto, e alguns de vasos pardos, amarelos, brancos.

[214] Entre outros Salvá e Sachs.

[215] Temos de um lado loiça, vasos, púcaros, brinquinhos de barro (e respectivamente de porcelana, vidro, prata, etc.) Temos pelo outro lado barros, vasos, púcaros de Portugal, de Montemór, de Estremoz, etc., loiça da India (China), folha do Flandres, bacios de Pisa, vidros de Veneza, mas nunca loiça *de* búcaro, vasos *de* búcaro, nem tão pouco de *Púcaro* ou de *Búcaro*.

[216] No Catálogo citado temos a p. 64, *Kylix of heavy gray brown bucchero*.

Púcaro e Cantaro, de um Quadro gótico

(Do *Museu das Belas Artes de Lisboa*)

Pote de Coimbra

mente de um vaso de beber (vinho), feito de uma ponta de boi, ou do feitio d'ela, e além d'isso um dos sobrenomes de Baco[217]. Digo mal; ele substitue-a pela variante *boú-karos*, voluntariosamente arranjada *ad hoc*.

Os castelhanos, adversos a reconhecerem iniciativas portuguesas, e apreciadores entusiásticos dos búcaros vindos das suas conquistas ultramarinas, muitos dos quaes eram feitos de propósito para vice reis do México, consideram a América central como pátria tambem do vocábulo, sem todavia entrar em pormenores. Os que reflectiram sobre o caso, procuraram porventura em *búcaro* um termo jeográfico de qualquer rejião, especialmente rica em arjilas plásticas[218]. Os estranjeiros, esses rejistam ora orijens americanas, ora hispánicas, conforme as ideias que professam a respeito do artefacto. Os Portugueses, muito embora não tivessem até hoje consciência da evolução e importáncia dos seus pucarinhos, não podiam nem podem de modo algum acreditar em oríjens americanas de um objecto ancestral, vulgaríssimo entre eles, séculos antes das expedições ultramarinas[219]. Em teoria,

---

[217] Como *Búkero, Buceros, Bucère, Bucher,* o vocábulo grego tem ainda diversas aplicações em zoologia e botánica. — Entre os humanistas jermánicos houve um *Kuhhorn* que helenizou o seu nome, chamando-se *Bucero* (Butzer), seguindo o exemplo de *Schwarzerd (Melanchthon)*.

[218] A' cata de nomes que se prestassem encontro apenas *Bucaramanga, Bucuromanga* (na Columbia) e *Bucareli* no México. — Note-se que ha na Sicília um lugar chamado *Buccheri* e que os *bokharos* da *Bokhara* asiática se chamam *búcaros* em castelhano e em português. Consonáncias casuaes, é escusado assentá-lo.

[219] Com isso não quero dizer que do Ultramar não viesse contribuição alguma ao vocabulário e nenhum elemento novo á indústria dos oleiros. O *moringue* p. ex. passa por ser de importação transatlántica,

podiam ter procurado nele um legado antiquíssimo de qualquer civilização anterior á romana, ou um vestíjio quer jermánico, quer árabe; mas com maior probalidade de acertar uma parcela da importante herança grecoromana, na certa certeza de que todas as nações que conquistaram Portugal deixaram lembranças suas na nomenclatura cerámica. Julgo, p. ex., que são pre-romanas as « de etimolojia incerta » como o próprio *barro*[220]. *Pote* é jermánico. Já falei dos numerosos e preciosos elementos árabes como *alcatruz*, *albarrada*, *alcarraza*. Da Grécia veio o *cántaro*. De Roma a *ola*, a *talha*, a *infusa*, o *canjirão*, a *tina*, a *cuba*, o *copo* e a *copa*[221].

---

quer do Brasil (Moraes, 7ª ed.), quer da India portuguesa (segundo Ramalho Ortigão). Não sei, se com razão ou sem ela. — São dignas de atenção as vasilhas representadas no *Catalogue of the Objects of Indian Art exhibited in the South-Kensington Museum* (Lond. 1874) a p. 200-215; e em *Ausstellung Indischer Kunst-Gegenstände zu Berlin* de S. George Birdwood, trad. por J. W. Mollett.

[220] Está por decidir se *barril*, *barrica* derivam de *barro*, como seguramente é o caso com *barranha*, *barranhão*, *Barroso*, *Barredo*, etc.

[221] Valia a pena escrever um estudo sobre a nomenclatura do vasilhame neolatino. Mas quem tem o saber e a enerjia suficiente para tão vasta empresa, a não ser o autor de *Sichel und Säge, Sichel und Dolch?* Eis uma lista alfabética, necessàriamente incompleta, de peças tradicionaes de barro, fabricadas em Portugal, ora toscas, ora vidradas, ora cobertas interiormente com um induto de cera ou de pez, conforme o seu destino. A símples lista pode dar ideia da abundáncia de tipos existentes, e da importáncia do barro na indústria popular. *Acetre* (em jeral de pao), *adobe*, *albarrada*, *alberto*, *albertinho*, *alcadefe*, *alcarraza*, *alcatruz*, *alcorça*, *alguidar*, *alguidarinho*, *aljofaina*, *almarraxa*, *almofia*, *almotolia*, *almude*, *ancoreta*, *artesa* (em geral de pao), *asado*, *atanor* *assador*, *assadeira*, *assobio*; *bacia*, *bacio*, *baldosa*, *balharim*, *banco*, *bar-*

Quanto a *púcaro*, a todos quantos se ocuparam das orijens da língua portuguesa se apresentou sempre como óbvia e indiscutível — desde os tempos de Lacerda pelo menos — a derivação de *poculum*, a pesar das evidentes e numerosas irregularidades da formação [222].

Pertencendo ao antigo fundo herdado, como in-negávelmente pertence, *poculum* deveria ter dado *pôgoo*, *pôgo*, i. é: *ō* passava para ô, como em *Roma*, *como*, *coroa*, *nome*, *amor*; *c* entre vogaes abrandava para *g*; *l* intervocálico caía como em *perigo*, *bago*, *artigo*, *bestigo*. Partindo da variante rústica **poc'lum* a resultante devia ser *pocho*, tal qual *macla* deu *ma[n]cha*, **faclo*, *facho*. Por isso os antigos diziam que *púcaro* nascera « por corrupção », e os romanistas mo-

---

ranha, barranhão, barrica, barril (ambos tambem de pao), *batega, bateia, bernagal* (ou *barnagal*), *bicheiro, bilha, botão, borracha, botija, braseiro; cabaça, caçoila, caço, caçoleta, caldeira, caldeirão, campainha, candeia, candeeiro, caneca, caneco, canjirão, cántara, cantarinha, cántaro, cantarinho, cántaro-talheiro, cantil, castiçal, chocolateira, cobridor, cocho, copa, copeta, copo, corneta, covilhete, cucharrinho, cucharro; defumador; ferrado, flauta, fogareiro, frijideira, funil; gamela, gamelinha, gral; infusa, nfusinha; jarra, jarrinha, jarrinho, jarro; lambaz, lamparina, lucerna; malga, masseira,* (em jeral de pao), *masseirão* (id.), *mealheiro, moringue; ola; panela, parra, pátera, pelangana* (ou *palangana*), *pia, picheiro, pichel, picho, pichorro, pingadeira, pinta, poço, porrão, pote, pratel, pratinho, prato, prato teigo, púcara, pucarinha, pucarinho, púcaro; quarta, quartinha, quartilho, quarto, quartola; rouxinol; salgadeira, sartã, sumicha, taberneira* (ou *teborneira, tiborneira*), *talha, tanor* (*tenor, tinor*, v. *atanor*), *tarefa, tarro, teigo, telha, telhão, tento, testo, tijela, tijolo, tina, torradeira; vasado, vieira.*

[222] Vid. Lacerda, Bluteau, Fonseca, Constancio, Barbosa, e principalmente Coelho, *Questões*, p. 289, e *Dicc. Etym.* s. v.; J. Nunes na *Rev. Lus.*, III, 301; Cornu, *Grundriss*, § 24, 90, 129.

dernos[223] confessam que as transformações são « difíceis de explicar. » Especialmente a substituição de $\bar{o}$ por $\bar{u}$. Cornu, que a princípio hesitou, duvidoso[224], tentou em seguida esclarecer de algum modo as irregularidades principaes. Partindo da forma clássica quis tornar provável a permutação desusada da vogal tónica, alegando exemplos indiscutíveis como *dúzia*, *tudo*, *cuido*, *testemunho*, *caramunha*, *outubro*, *escuso*[225]; a permutação de *l* intervocalico por *r*, por assimilação da consoante á vogal imediata, como em *pendurar*, *povoar*, *búfaro*, *cómaro*, *lúparo*, *lírio*, *merencoria*, *frior*, ou (em outro parágrafo) por substituição integral do suficso *-ulu* por *-aru*. Deixa comtudo inexplicada a conservação extraordinária de *k* entre vogaes.

Na suposição que o que vale do artefacto, tambem deve valer do nome, e na fé que artistas populares romanos fabricaram dos barros finos do Alemtejo vasilhame para os peninsulares, á moda e pelos processos de Arezzo, os quaes foram adptados pelos árabes (comquanto pouco a pouco os alterassem e aperfeiçoassem), procuro em *púcaro* um vocábulo latino, de feitio vulgar — *poclu* e não *poculu* — modificado em boca dos árabes, cuja pronúncia peculiar se perpetuou nos dialectos neo-latinos populares do sul de Portugal. Assim se explicaria *u* por $\bar{o}$ — a não ser que *puclu* fosse trazido prontinho do sul da Itália por lejionários e colonos[226].

---

[223] P. ex. Leite de Vasconcellos, na *Rev. Lus.*, III, 301, nota.

[224] Ao tratar da substituição de *o* por *u* diz: « wenn pŏculum. »

[225] Em *lugar* de *localis*, *u* é átono; está portanto nas mesmas condições como em *fugão*, *fugueira*, *jugar* (ortografia fonética) de *fogo*, *jogo*, et.

[226] Vid. Schuchardt, *Vulgärlatein*, II, 91 ss., 114 ss., 130 ss.

E tambem se explicaria *r* por *l* depois de consoante, como em *setr*, *assêter*, *acetre* de *sitlu*, por *situlu*[227]. Do mourisco *púkr*, ou do alemtejano *pucru*, vivo na Beira, chegariamos a *púcar* pela introdução do suarabacti-*a* (em vez de *e*, por causa do contacto com *r*); e finalmente a *púcaro* pela analojia com dúzias de palavras esdrúxulas, cuja acentuação enfática é muito do agrado do vulgo meridional[228].

Embora sem rima em português (como *ámago* e outros proparocsítonos) o conjunto construtivo da palavra é, de facto, o mesmo de uma longa série de substantivos populares e em parte plebeus, na sua maioria de proveniência latina ou greco-latina, sem que faltem alguns célticos, hebráicos, árabes, jermánicos[229].

---

[227] Se a formação fosse regular dava *seldo*, respectivamente *sedoo*, *sedo*. A substituição de *l* por *r* depois de consoante é, de resto, tão vulgar em Portugal que não precisa de nova documentação

[228] Algumas em *-ar*, *-er*, *-or*, conservam-se intactas como *açúcar*, *alcáçar* (alcaçr), *aljófar*, *almíscar*, *âmbar*, comquanto em jeral a pronúncia hesite muito. Ao par de *almiscar* ouve-se *almiscre*, *almisque*, mas tambem *almíscaro*; ao par de *açucar*, *açuqre*; ao português *nácar* corresponde *nacre* em galego (e francês), *nácaro* em italiano; em lugar de *lacre* o vulgo diz *lácar*. O antïgo nome de lugar *Lávar* transformou-se em *Lavre*, exactamente como *lébor* deu *lebre*. A forma arcáïca subsiste no *jogo da leborinha* ou *laborinha*. Cf. *bacro*, *bácoro*, *bácaro*, de *bakr* por *backen* (germ.). Restrinjo-me no texto e nas Notas ás formas portuguesas e galegas. Quanto ás hespanholas remeto o leitor a um excelente estudo de D. Ramon Menendez Pidal sobre *Sufijos átonos en español*, publicado na *Homenagem a Adolfo Mussafia* (Halle, 1905).

[229] Além dos suficsos átonos *-ăro*, *-ăra*, de que falo no texto, ha outros populares que em condições iguaes conservam vitalidade creadora. Sem me referir a formações como *óndia* por *onda*, *clúbio* por *club*, *piterábias* por *beterabas*, notemos *-ado*, *-edo*, *-ido* que ocorre não

Em poucas formas como *Lázaro, cántaro, bácaro ásaro*, *-ăro* é parte herdada. Em algumas, usadas só pelo vulgo, como *mísaro, númaro*, o sufixo novo substituiu *-ĕro* por assimilação da vogal á consoante; outras vezes — *-ŏro*, em *fôsfaro, fôfaro* (a par de *fosfo, forfo, forfro*). Em várias, temos ampliação de *-ar, -er, -or*; a começar com *pássaro, pássara (passer), sôvaro (suber), chícharo (cicer), Césaro*

---

só em formas herdadas como *fígado, sábado, divida, dúvida, abóbeda*, (*abóbada*), mas tambem em outras modificadas como *côvado* (*côvedo, côvodo* de *cubitus*), e em adjectivos eruditos como *dúlcido, mélido* ou derivações vulgares como *fígueda* (em lugar de *figa* por influcso de *fígado*), *ímpado* (gal.), no sentido de soluço, do vocábulo onomatopáico *hipo*, por analogia com *ímpetu*; e outras inexplicadas como *cágueda* (termo cerámico), *cágado* cf. *cávado* de *cadavus*; *-alo* ao par de *-el* em *sávalo, sável*; *-amo, -emo* em *bálsamo, bàlsemo*; *álamo, álemo*; *cánãmo*; *páramo*; *préstamo* (por *empréstimo*); *-ulo em beterrábulas*; *-ĕgo* em palavras herdadas como *almátega* (*dalmatica*), *cismátego*, *étego*, *lôbrego*, *prátego*, *tísego*, *trópego*, *Támega*, e outras criadas de novo, como *bátega* (de *bater*), *hirtego* (de *hirto*); e em especial- *ão*, *-ãa* que antigamente fôra bisilábico. Em jeral ha ou houve duas formas, uma proparocsítona, outra parocsítona derivada. Ao par de *Cristovão* (*Christophano* em vez de *Christophoro*) *Christôvo*, aparece *Estevão Estevo* (de onde *Esteves*), *órfão* e *orfo*, *órgão* e *orgo*, *ourégão* e *ourego*, *rábão* e *rabo*, *Pedrógão* e *Pedrógo*, *Nábão* e *Nabo*, *Sádão* e *Sado*. Sobre o mesmo tipo, mas ao envés, estão moldados *soto* e *sótão*, *féto* e *fétão*, *frángo* e *frángão* com *franganito, franganinho*; *zángo* e *zángão*, *golfo* e *gólfão*, *lódo* e *lódão*, *acordo* e *acórdão*, *córrego* e *córgão*, *pinto* e *pintão* (de onde *pintainho*). A respeito d'estas formas e de *Faro, Farão*; *Zeila, Zeilão*; *Çoleima, Çoleimão*, vid. *Revue Hisp.*, IX, 64 e *Arch. Port.*, I, 84. Cf. *venta*, antigamente *ventãa*, *quinta* e *quintãa*, *saba* e *sabãa*, *campa* e *campãa* de onde *campainha* e *campanario*, *fontã* e *fontãa* de onde *fontainha*.

(Caesar)[230], *Vítaro (Victor), Fúcaro (Fugger), esguíçaro (Schwitzer), pífaro (phîfer), ansarinho* de *ánsaro (anser)*[231], *túbaras* da terra (de *tuber*)[232], *Transtámara* por *Tras-támar* (*Tambre* em castelhano). Em muitas o suarabacti *-a* separa a muta da líquida; p. ex. em *cáncaro* por *cancro, escôparo* por *escopro* (de *scalprum*)[233], *cóngaro* de *congro, mítara* por *mitra, févara* por *fevra (fibra), bêbara* ou *bêbera*[234] (de *bifra*). Diversas vezes temos troca de suficsos: *-aro* por *-ălu, -ĭlu -ŭlu*. Tanto no já citado *búfaro, lúparo, cômaro*[235], como nos vulgarismos galegos: *túmaro (túmalo, túmulo)*;

---

230 Cf. *Zézaro* por *Zézare* (*Crisfal*, estr. 36), *Zézere*. Entre os termos árabes, notemos *çáfaro, támara, sándalo* e talvez *máscara*; entre os jermánicos *láparo* e *bácaro* (*bacoro*).

231 Cf. *Patarinho*, apelativo e nome-próprio (*Patarão*) de **pátaro* por *pato; tubarão* de *túbaro* por *tubo;* e *camarão* de *cámaro* (*gambarus*).

232 Não devo tratar aqui do suficso derivado *-arada* (*moscarada, chamarada*), nem tão pouco de *-areza, -aria, -areiro*.

233 *Scouparo* (a. 1360); vid. *Arch Port.* VII, 265.

234 Na fonte de André de Rèsende (Quinta da Manisola, perto de Évora) o escultor da inscrição meteu *expectara* por *spectra* (forma que já brilha em outra do seculo VII como provou Cornu § 247 dos seus *Estudos de língua portuguesa*). — Nunca ouvi dizer *ásparo* por *aspro, áspero*; nem *côfaro*, por *cofre* (franc.); nem *xôfaro* ou *enxôfaro* por *enxôfre, enxofar, xufre*. Conheço todavia a engraçada scena que se passou entre dois estadistas portugueses, um dos quaes quis jocosamente autorizar *enxôfar*, por causa de *açúcar*, emquanto o outro advogava os direitos de *açúcre*, baseando-se em *enxofre*. — *Mafra* era antigamente *Máfora*.

235 *Cômaro* ocorre em documentos muito antigos (p. ex. *Chartae* 256 e 282), e em provérbios populares como *Entre cômaro e cômaro não digas o teu todo*.

trêmaro (tremulus); nécaro (de *bonecro, boneco*)[236]. É freqüente tambem o acrescento eufónico de *-ăro, -ăra* a palavras que são graves na linguajem culta. Colhi na boca do povo *sapo-côncharo* (de *concho, concha*) no sentido de tartaruga, cágado; *pôlvaro* de *pôlvo (polypus); pássaras* (em *uvas pássaras* por influcso dos *passarinhos*); *cáscaras* em vez de *cáscas; láscaras*, por *lascas; mílharas* por *mílhas (milia)*, ovas de peixe; *véspara* ou *abespra* a par de *vespa (Wespe)*, por influcso de *véspera (Vesper); lámparas* (e *laparões, lamparões*) como designação de conchas-*lapas*, univalves; *lánchara, mártara, nísparo* de *lancha, marta, nispo* (carne de boi da barriga da perna); *níjaro* de *nijo (nidius, ninhego); Vítaro* por *Vito*, em *dança de S. Vítaro*, por confusão entre *Vito* e *Víctor*. Nos dialectos de Tras-os-Montes temos: *nêngaro* (boneco), *bôlhara* (terra molle), *búsara* (pança); nos alemtejanos: *púchara* (panela)[237]; e *lésaro* (de *laesu*) no sentido de *aleijado* no idioma galego; *treítaras* de *treitas (tractas), gálharas, páparo, xílgaro* (pintasilgo), *mômaro*. Se isso não bastasse, podia citar ainda *láparo, pícaro, píncaro, gándara, tátaro*[238], *alvíçaras, de cócaras, ás escáncaras*, e nomes de povos como *búcaro, búlgaro, eúscaro, húngaro, tártaro, hússaro* e o já citado *esguíçaro*.

Tratei em tempos da troca de *b* por *p*, em princípio de

---

[236] Em *Braga* temos a substituição contrária. *Bragaa* está evidentemente por *Bracala*, por causa do *r* da primeira sílaba. Cf. *bravo* de *bárbaro*. Em *Lavãos* de *Lavalos* (povoação perto da Figueira) *-alu* foi permutado contra *-anu* por causa do *l-* inicial. — Note-se ainda *orágaro* por *oráculo* (*Arch Port.*, III, 153).

[237] Talvez contaminação do castelhano *puche, puchero* com *púcaro?*

[238] Denominação onomatopáïca do *gago* ou *tatebitates*.

palavra no domínio português[239], alegando *bolor, balor,* (de *pallore), bilro* (de *pyrulu*), *buir (polire)*, *brunho (pruneus)*, *bustela (pustilla* de *pustula)*, além de outros em que houve aférese de alguma vogal *(bispo, bôdega, bitafe)*. Bom será notar agora que tambem d'este fenómeno ha exemplos no Alemtejo, em nomes de lugar, de orijem latina, modificados pela pronúncia de árabes e mozárabes, p. ex. em *Beja (Pax Julia)*, *Badajoz (Pax Augusta), Alvalade (Palatium)*[240], mas não em castelhano. Tambem sob este aspecto, a vinda dos búcaros do reino de Portugal para Hespanha é muito provável.

Em grego sei apontar, a par de *búkeras (Trinkhorn)*, mais dois vocábulos de que poderiam ter derivado nomes neo-latinos de vasilhas, um tanto parecidos de *búcaro*. E são: βυκάνη a que corresponde *buccīnu* e *buccina* em latim, no sentido de trombeta de corno retorcido (de metal), e concha de forma igual; e βάυκαλις de que é costume tirar *bocal (buccalis)*, *pocal*. Mas como a primeira tem representantes diversos em Portugal[241], emquanto a segunda nunca

---

239 *Miscellanea Caix-Canello* e *Fragmentos etymologicos*, em *Rev. Lusitana*, I.

240 Temos *b* (em troca com *p*) em algumas palavras estranjeiras, pouco usadas, como *pachá* e *bachá*, *budim* e *pudim* (Ignoro por que razão o galego diz *bescoço* em lugar de *pescoço*). Onde *p* surje em lugar de *b*, ha sempre tendências onomatopáicas como em *pufetada*, *puchecha*, ou contaminação de outra palavra como em *peliscar* por *beliscar* (de *vellus* influido por *pelle*), *prasmar* (de *blasphemare*) por causa de *praga*.

241 Os representantes latinos que cursavam evidentemente na península são: *buccina*, de onde vem o galego *buguina; bucīna*, de onde vem o cast. *bocina*, e o port. *buzina* (antigamente *bozina*); *bucĭnus*, que deu *búzio*.

foi popular[242], *poculum,* na pronúncia *pukr,* fica por ora o étimo que tem mais probalidades de ser o verdadeiro pae de *púcaro, búcaro, bücchero=omne vas in quo bibendi et consuetudo.*

Todo e qualquer vaso de beber? A definição era exacta no tempo de Isidoro de Sevilha (sec. VII). Mas não o é na nossa era em que copos, cálices e taças finas de cristal obrigaram os tradicionais vasos de terra a recolher-se a casas e cozinhas sombrias.

Nem mesmo que ourives de prata enfeitem os mais lisos e luzidios, os *púcaros* tornarão a rehaver, ao lado das bilhas, em aparadores regios e principescos, o lugar de honra, que outrora ocupavam.

[242] Apesar da afirmação de Körting, *bocal* não existe neste país no sentido de *Pokal.*

EDIÇÕES
DA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Publicadas:

ANTHERO DE QUENTAL — Cartas. 1 vol. broch.

ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE — Livro primeiro dos Brasões da Sala de Sintra. 1 vol. broch.

JOSÉ DE ARRIAGA — Breve notícia das novidades históricas, scientíficas, literárias e artísticas, contidas nas obras de propaganda, impressas e manuscritas, doadas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 1 vol. broch.

D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS — Algumas palavras a respeito de Púcaros de Portugal. Edição refundida e ilustrada

VERGILIO CORREIA — Um Túmulo da Renascença. A sepultura de D. Luíz da Silveira em Góis. Edição ilustrada com um prefácio do Dr. Teixeira de Carvalho.

CELLAS — *Index da Fazenda*. Reprodução dum interessante códice de Fr. Bernardo d'Assumpção, referente ao mosteiro de Cellas. Revisto pelo Dr. Teixeira de Carvalho.

A sair:

DAMIAM DE GOES — Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanvel. Conforme a edição *princeps*. Revista e anotada pelo Dr. Teixeira de Carvalho, com todas as variantes conhecidas.

—— Chronica do Prinçipe Dom Ioam. Conforme a ed. *princeps*.

ANTHERO DE QUENTAL — Prosas. Edição revista conforme ao original e anotada.

WOLKMAR MACHADO — Collecção de Memorias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes e estrangeiros, que estiverão em Portugal. Revista e anotada pelos Drs. Teixeira de Carvalho e Vergilio Correia.

JOÃO PEDRO RIBEIRO — Reflexões historicas.

COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO D'ALBUQUERQUE. Conforme a 2.ª edição. Revista pelo Sr. Dr. Antonio Baião.

BERNALDIM RIBEYRO — Hystoria de Menina e Moça. Conforme a edição de Ferrara. Revista e prefaciada por Anselmo Braamcamp Freire.